

# O sepulcro megalítico dos Godinhos (Freixo, Redondo): usos e significados no âmbito do Megalitismo alentejano

---

\*Município de Redondo

\*\*UNIARQ,  
Universidade de Lisboa

\*\*\*Fundação para a  
Ciência e Tecnologia

\*\*\*\*Centro de Ciências  
e Tecnologias Nucleares,  
Instituto Superior Técnico,  
Universidade de Lisboa

\*\*\*\*\*Faculdade de  
Letras da Universidade  
de Lisboa

Rui Mataloto\*  
Rui Boaventura\*\*, \*\*\*  
Diana Nukushina\*\*  
Pedro Valério\*\*\*\*  
José Inverno\*  
Rui Monge Soares\*\*  
Micael Rodrigues\*\*\*\*\*  
Francisca Beija\*\*\*\*\*

*Forjarán mi destino*

*Las piedras del camino*

Nino Bravo, Un beso y una flor, 1972

*Ao Sr. Victorino Inverno, para quem os Godinhos não têm segredos...*

**Resumo** Apresentam-se aqui os resultados da intervenção no sepulcro megalítico dos Godinhos (Redondo), inserindo-o nas dinâmicas funerárias e populacionais regionais dos IV e III milénios a.n.e. Foca-se ainda a atenção sobre alguns dos achados, nomeadamente acerca dos geométricos, comparando-os com aqueles de outros sepulcros conhecidos como Cabeço da Areia (Montemor-o-Novo) e Rabuje 5 (Monforte). Destaca-se um provável ato fundacional na mamoa do sepulcro com três esferas pétreas. Finalmente, elabora-se acerca do significado da reutilização de finais do III milénio, onde se destaca um elemento áureo.

**Abstract** The results of the intervention at the megalithic tomb of Godinhos (Redondo) are presented here. These are discussed within the regional human occupation, namely its funerary and settlement dynamics during the 4<sup>th</sup> and 3<sup>rd</sup> millennia BCE. Also, spacial focus is given to some findings, particularly the trapezoid microliths, compared with those collected in other tombs such as Cabeço da Areia and Rabuje 5. To be noted is the very likely foundation act in the tomb mound with three rock spheres. Finally, the reuse of the tomb in the late 3<sup>rd</sup> millennium is motif for some reflections, namely about a golden element.

### 1. O sepulcro dos Godinhos: precedentes e motivos de uma intervenção

O concelho do Redondo, apesar de estar estreitamente ligado às origens do conhecimento histórico sobre os sepulcros megalíticos alentejanos (comumente designados por antas), nunca foi uma área objeto de estudo aturado e/ou programa de escavações destas estruturas funerárias.

A primeira menção, ainda que indireta, a uma anta no Redondo surge-nos no testamento de Catarina Pires Folgada, de 1408 (Moreira & Calado, 2010), que deu origem a uma instituição de solidariedade, posteriormente integrada na Santa Casa da Misericórdia. Neste documento, refere-se a Herdade de Valdanta, que ainda hoje marca toponimicamente a Anta de Valdanta (Código Nacional de Sítio (CNS) – 1941), ali existente.

Nos finais do século XVI, mais exatamente em 1571, Frei Martinho, em carta redigida aquando da presença de D. Sebastião no Convento de São Paulo, na Serra d'Ossa, refere a existência de duas antas e dos povoados onde Viriato, na sua opinião, se teria refugiado.

Viriato esperou ao exército Romano, e daí desceu a dar-lhe batalha: como se manifesta também das muitas Antas, que estavam ainda em nossos tempos ao redor, e fraldas desta serra, cujos sítios conservão os nomes das ditas Antas. Dentro da cerca do nosso Convento da Serra esteve huma, que eu ainda alcancei, tão grande, que o Reitor, que então era do dito Convento, mandou contra o meu voto derrubar para se aproveitar da muita pedra, que tinha, ficando ahi de presente a cova, donde se tirarão as pedras; e juntamente sinal das cinzas, e carvoens de fogo, com que se fazião os sacrificios; e da outra, que estava fora da cerca persevera huma porta da mesma cerca que se chama a porta da Anta. E estas Antas he certo, que erão as aras, ou altares, em que os vencedores passada a batalha offerecião sacrificio a seus Deoses em gratificação da vitória alcançada ou antes, para os terem propícios na guerra. (Frei Martinho de São Paulo *apud* Henrique de Santo António, 1745, p. 82).

Segundo alguns autores (Corrêa, 1947, p. 119), esta será uma das mais antigas descrições de monumentos megalíticos que se conhece em território português.

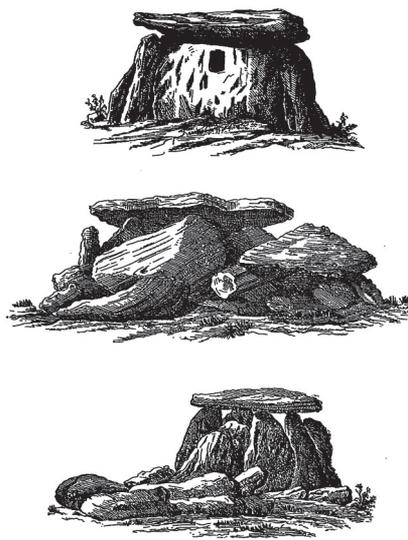


Fig. 1 – Antas da Candieira, Thesouras (Colmeieiro 1) e das Vidigueiras (adaptado de Silva, 1878b).

As referências a vestígios arqueológicos publicadas na *Chronica dos Eremitas da Serra de Ossa* (Frei Henrique de Santo António, 1745), obra de teor claramente apologético, já de meados do séc. XVIII, baseiam-se unicamente na suposta carta de Frei Martinho, à qual se acrescenta apenas a alusão a mais uma anta, nas proximidades do Convento.

Gabriel Pereira, ilustre investigador eborense, na sequência das suas deambulações arqueológicas nos arredores de Évora, acabou por identificar e dar a conhecer outros monumentos arqueológicos no concelho do Redondo (Pereira, 1879). Primeiramente, em 1877, deu conta no número 47 da revista “Universo Illustrado” da inusitada Anta da Candieira (CNS-609; Pereira, 1877), com um orifício no esteio de cabeceira (Fig. 1). A esta juntou no ano seguinte as Antas da Quinta da Vidigueira (CNS-749) e da Herdade das Thesouras/Tesouras (CNS-747), cuja informação e desenhos, produzidos por si, foram divulgados por J. Possidónio da Silva no *Boletim da Associação dos Arquitectos e Arqueólogos Portugueses* (Silva, 1878a). Porém, dada a importância então atribuída ao caso da Candieira, Silva enviou uma pequena notícia com aquelas imagens para o “*Congrès International des Sciences Anthropologiques*” de 1878, em França, cuja apresentação foi lida e comentada por Émile Cartailhac (Silva, 1878b). Ainda em 1886, quando E. Cartailhac publicou *Les Ages Préhistoriques de l’Espagne et Portugal*, este autor manteve algum destaque na Anta da Candieira, que entretanto visitara em 1880, provavelmente pelo interesse despertado pelas

nótulas de G. Pereira e J. P. da Silva. Porém, nesse trabalho, recusou a hipótese do afamado esteio de cabeceira com orifício ser contemporâneo da construção do sepulcro, remetendo a sua autoria para algum eremita que teria utilizado a estrutura como cabana (Cartailhac, 1886, pp. 171–172), o que nos parece, ainda hoje, plausível.

No final do século passado, a Anta da Candieira serviu como argumento pró e contra, com diversos matizes, na discussão sobre a funcionalidade dos sepulcros megalíticos. Assim, se para Cartailhac o edifício da Candieira e o seu orifício eram dois episódios separados, correspondendo a funções sepulcral e de habitação, para outros autores o referido orifício era apontado como prova cabal da função destas estruturas como simples “choças” de pastores. Este último ponto de vista era advogado pelo Padre Espanca, erudito e estudioso regional, interessado em questões da antiguidade e conhecedor daquela anta, mas que refutava totalmente a existência da Pré-História humana (Espanca, 1894).

Também José Leite de Vasconcelos opinou acerca da questão perfurante, ainda que de forma mais moderada. Apesar de ser claramente a favor da função funerária das estruturas megalíticas, este autor, na sua obra *Religiões da Lusitânia*, ao invés de E. Cartailhac e em favor de G. Pereira, defendeu a grande antiguidade do orifício do esteio de cabeceira da Anta da Candieira, reforçando a argumentação com paralelos extrapeninsulares, bem como com a insuficiência à data do inventário de antas (Vasconcelos, 1897, pp. 318–323).

Perante o exposto, cremos que se compreende a inclusão da Anta da Candieira na lista de “Monumentos Prehistoricos” proposto no “Relatório e mappas de edificios que devem ser classificados como monumentos nacionaes, apresentados ao governo pela Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, em conformidade da portaria do ministerio das obras publicas de 24 de outubro de 1880” (Barbosa, 1881), realçada como “notavel pelo furo que tem a pedra da camara” (AAP, 1881, p. 139). A maioria dos monumentos listados, nomeadamente as três antas do Redondo, encontrase, 29 anos depois, classificada como Monumento Nacional pelo Decreto de 16 de junho de 1910.

Apesar de J. L. Vasconcelos ter realizado uma

intensa recolha de informações acerca de sítios e de espólios arqueológicos a nível nacional, e em áreas próximas do concelho do Redondo, como no Santuário de Endovélico, onde inclusivamente escavou, este autor desenvolveu uma ação diminuta neste concelho. A sua passagem pelo concelho limitou-se, aparentemente, à observação das Antas da Candieira e da Silveira Grande (CNS-1908), a quando da sua visita ao Monte da Ribeira, onde registou alguns vestígios romanos relacionados (Vasconcelos, 1916, p.192), por certo, com a *villa* do Azinhalinho.

Em meados dos anos 1940, Georg e Vera Leisner visitaram as antas então já conhecidas, Vidigueira, Thesouras e Candieira, tendo procedido ao desenho das suas plantas, que viriam a publicar em 1949, pela primeira vez, na revista *A Cidade de Évora* (Leisner, 1949). No caso da Anta das Thesouras, redesignaram-na como “Colmieiro 1 / Anta 1 do Colmieiro1” (Leisner, 1949, p. 43) ou “Colmieira 1 / Anta 1 da Herdade da Colmieira 1” (Leisner & Leisner, 1959), por se localizar dentro daquela herdade. Mas também, seguindo E. Cartailhac (1886, p. 173), que a designara por “Colmeira”. A Anta de Tesouras que os alemães então referem, não corresponde à de Thesouras, mas sim àquela designada posteriormente por Dessouras (sem CNS; Calado & Mataloto, 2001, n.º 439-D.39), junto ao Monte homónimo. Na sequência da sua estadia, o casal alemão acabou por reconhecer cerca de 13 novos sepulcros megalíticos no concelho do Redondo, quase todos presentes um pouco por toda a sua metade norte. Durante esta visita prolongada ao concelho, talvez cerca de um mês, o casal terá ficado alojado no Monte da Quinta da Vidigueira, tendo a sua presença marcado a memória de alguns, hoje ainda residentes na aldeia do Freixo, caso do senhor Victorino Inverno que, com grande exatidão, nos descreve a presença “exótica” de um casal alto, vestido de roupas claras, que percorria o campo de bicicleta, sempre acompanhados por um estojo e um “caderninho onde tomavam muitas notas”. Após a visita do casal Leisner, os estudos do Megalitismo do Redondo desaparecem por completo, vindo a ser retomada a identificação de sepulcros megalíticos apenas muito mais tarde, nos finais da década de 1980, na sequência de diversas prospeções levadas a efeito pelo Grupo de Defesa do Património

<sup>1</sup> Este texto foi escrito em português de Portugal pré-Acordo Ortográfico de 1992. Porém, foi posteriormente alterado por imposição editorial, situação que somos obrigados a aceitar, ainda que discordando, a bem da divulgação científica e do conhecimento. Seguir-se-á neste trabalho a designação que vem sendo usada na revisão global dos sepulcros megalíticos do sul do país, efetuada no âmbito do projeto MEGA-GEO. Esta proposta procura conduzir a uma uniformização das designações dos sepulcros, ainda que derive, em muitas situações, na alteração da designação inicial. Por norma, sempre que existe mais que um sepulcro associado a um topónimo, segue-se um número de ordem de 1 a n.

nio GEO, posteriormente integradas e publicadas na Carta Arqueológica do Redondo, cujos trabalhos permitiram a identificação de um novo conjunto de sepulcros (Calado & Mataloto, 2001). Os trabalhos de prospeção continuados após este projeto permitiram ampliar ainda mais o universo de sepulcros conhecido, atingindo atualmente mais de meia centena de monumentos.

Destes escavaram-se parcialmente, já neste século, apenas dois, o sepulcro do Caladinho (CNS-3132), parcialmente publicado (Mataloto & Rocha, 2007) e a Anta da Vidigueira (Mataloto & Boaventura, 2010). Entretanto deu-se início ao estudo da Anta da Quinta do Freixo 4 / Anta 4 da Quinta do Freixo (CNS-19030) e efetuado sondagens na anta da Candieira.

O pouco que se conhecia do Megalitismo do Redondo, e da margem sul da Serra d'Ossa, resumia-se largamente à observação das arquiteturas e putativas seqüências cronológicas associáveis. Neste sentido, a Anta dos Godinhos (Fig. 2) desde logo despertou o nosso interesse pela sua arquitetura simples e de reduzidas dimensões, aparentemente associável ao início do fenómeno megalítico (Gonçalves, 1992; Rocha, 2005; Boaventura, 2009).

Este facto, associado à escassez de meios disponíveis, propiciava a intervenção numa estrutura que permitisse resultados cientificamente relevantes num curto espaço de tempo. Decidiu-se, então, efetuar a escavação deste sepulcro, que



Fig. 2 – Vista do sepulcro dos Godinhos depois da limpeza inicial.

seria facilmente integrável em futuros percursos pedestres, que se pretendia implementar no âmbito do EcoMuseu de Redondo.

A Anta dos Godinhos foi identificada em 1996 e dada a conhecer no âmbito da Carta Arqueológica de Redondo, onde recebeu o nome de código 439-D.23 (Calado & Mataloto, 2001, p. 39), não dispoñdo ainda de CNS. Este sepulcro localiza-se na CMP 439 (Fig. 3), com as seguintes coordenadas geográficas WGS 84: 38°42'9.69"N/7°36'54.36"W.

## 2. A intervenção: meios, método e condicionantes

Em termos metodológicos, optou-se pela metodologia Open Area, com registo em

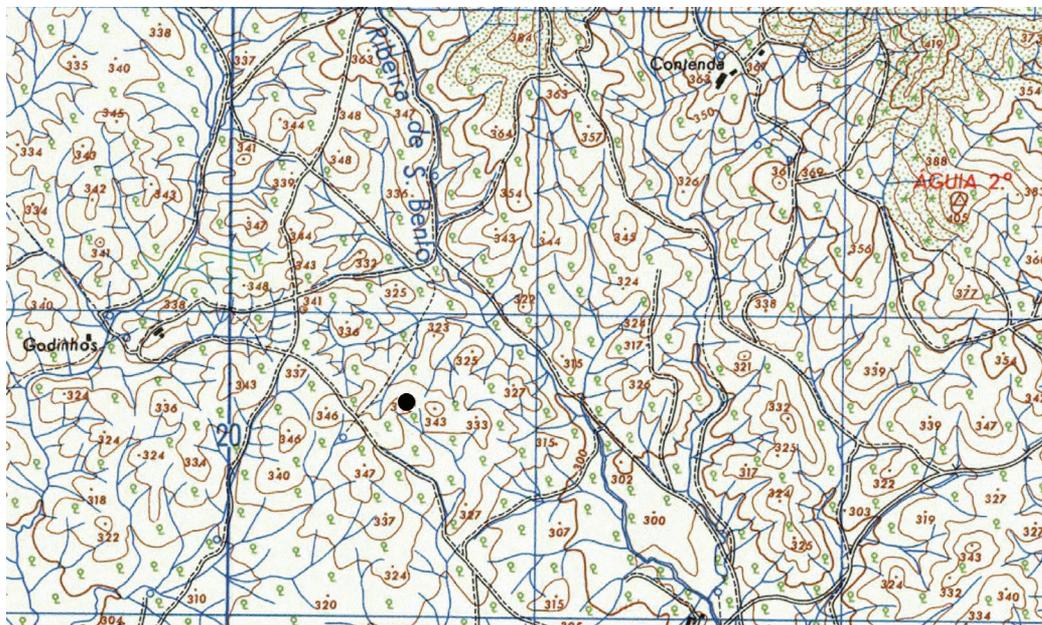


Fig. 3 – O sepulcro dos Godinhos em extrato da CMP 439 - 1:25 000.



Fig. 4 – Vista do grupo de trabalho e das 3 gerações de Invernês, bons conhecedores dos Godinhos

Fig. 5– Trabalhos de remoção manual da provável tampa do sepulcro.



planta e fotografia de cada unidade estratigráfica, seguindo os preceitos definidos por E. Harris (1979). Apenas para as presenças de menor dimensão, resultantes de deposição intencional no interior da câmara, caso dos pequenos instrumentos líticos, se optou pelo registo tridimensional, sempre integrados nas respetivas unidades estratigráficas. A dificuldade de individualização deposicional destas realidades, facilmente permeáveis a pequenas alterações tafonómicas difíceis de controlar, dada a perda da sua componente em materiais perecíveis, dificulta a definição do ato de deposição como unidade estratigráfica, pelo que se prefere optar pela sua integração numa UE de tipo depósito com registo tridimensional, para maior aproximação ao possível gesto de deposição do mesmo. Já no caso dos recipientes cerâmicos completos, ou aglomerações de artefactos líticos, menos propensos a movimentações tafonómicas não-humanas preferiu-se a sua

individualização em unidade estratigráfica, por esta representar em si o gesto de deposição, ou remobilização, de um recipiente.

A área de intervenção centrou-se na estrutura central do monumento, construindo-se uma quadrícula axializada por aquele, com 5 m x 4 m, alargando-se posteriormente em 8 m<sup>2</sup> (2 m x 4 m) para norte e 2 m<sup>2</sup> (1 m x 2 m) para poente, por forma a melhor documentarmos a interessante estrutura tumular, entretanto exposta.

Os trabalhos iniciaram-se pela remobilização de uma grande laje, provavelmente uma tampa de cobertura, disposta em cutelo no limite nascente da câmara, com meios exclusivamente manuais, com recurso a cordas e rolos de madeira, proporcionando uma aproximação experimental ao esforço implicado na execução da mesma (Fig. 5). No final dos trabalhos, procedeu-se à estabilização e enchimento da câmara com pedras e terra, após diferenciarmos o fundo do monumento com rede de sombreamento.

### 3. Os olhos com que se vê: caminhos e paisagem

A paisagem não existe, é aquilo que nós fazemos dela, é o modo como a vamos construindo e desmontando à nossa passagem, numa atitude profundamente existencialista (Ingold, 1993). A conspicuidade é introduzida pelo indivíduo e pela comunidade com que partilha valores e memórias. Este é um aspeto estruturante para se compreender o sepulcro dos Godinhos e o modo como construímos a paisagem em torno dele.

O sepulcro dos Godinhos implanta-se num pequeno cabeço da margem direita da ribeira de São Bento, integrado no extenso patamar que antecede as principais elevações da Serra d'Ossa pelo lado sul. A fisionomia do território é bastante complexa, marcada por um intenso ondular de solos pobres de gnaisses, recortados pontualmente por profundos vales de ribeiras, hoje intensamente arborizados por um montado fechado de sobre.

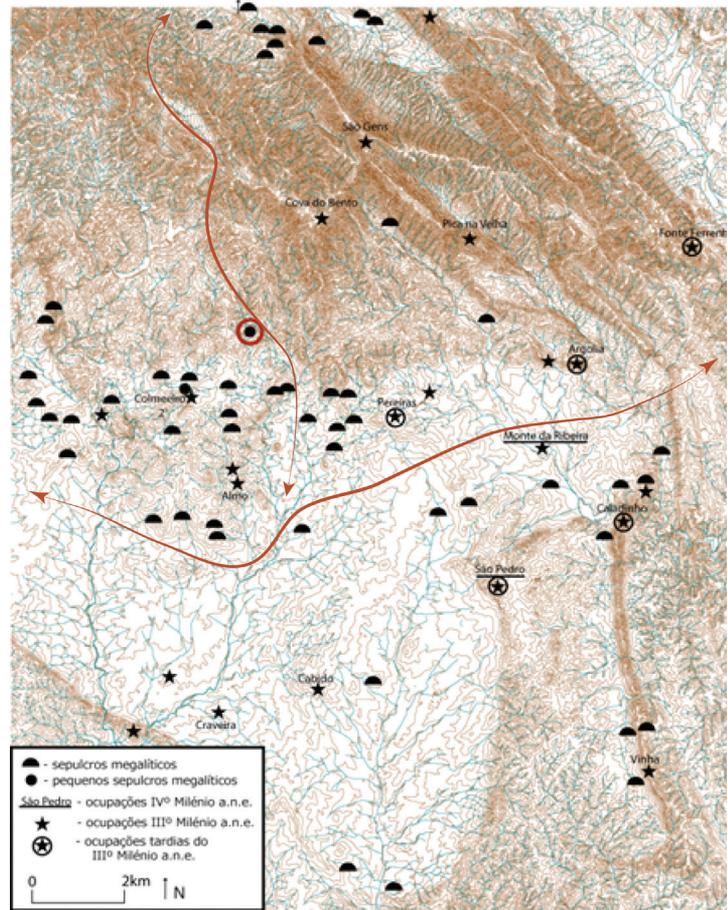
O acesso ao sítio pode efetuar-se de dois modos distintos (Fig. 6): um a partir da aldeia do Freixo, situada no limite sul do patamar, percorrendo-se caminhos que discorrem por um território marcado pelo ondular ritmado, mas pouco contrastante, dos cerros, que nos

criam uma paisagem vaga, onde a conspicuidade é difícil. O segundo acesso pode efetuar-se através do Monte do Pinheiro, situado para nascente do sepulcro dos Godinhos, seguindo um velho caminho natural. Este desenvolve-se, justamente, por onde a planície mais entra na margem da serra, estreitando o patamar e conduzindo os caminhantes à portela das Cortes, uma das mais importantes da serra, na travessia sul-norte e vice-versa. O sepulcro megalítico dos Godinhos surge-nos, então, sobranceiro a este velho caminho, numa elevação, ganhando um destaque paisagístico absolutamente inusitado para quem se aproxima pelo lado poente, sobretudo se assumirmos um coberto arbóreo mais esparsa e menos elevado. Deste modo, cremos que a implantação do sepulcro se faz, em grande medida, em função do caminho e da sua posição entre dois territórios e duas paisagens unidas por um eixo estruturante de transitabilidade. Neste sentido, a estrutura funerária dos Godinhos integra-se numa tradição local, fortemente arraigada ao Megalitismo do Freixo onde, tal como a própria povoação, os sepulcros foram implantados na transição entre a planície e o patamar da serra, quiçá configurando espaços interligados, física e mentalmente, de Vivos e de Mortos.

A Anta do Pinheiro (CNS-2102), de estrutura aparentemente mais evoluída, com corredor longo, câmara poligonal, mamoa e *kerb* bem definido, situa-se a algo mais de 1 km a sudeste sobre cerro dominante, sobranceira ao mesmo caminho natural onde a planície se afunila para dar passo ao patamar. Uma vez mais, é aqui, nesta zona de transição, que se concentra o conjunto da Herdade das Casas com, pelo menos, seis sepulcros megalíticos (Calado & Mataloto, 2001), notando-se, igualmente, uma intensa marcação do espaço através de painéis com covinhas distribuídos por grandes, mas também pequenos, afloramentos graníticos, dotando possivelmente toda a paisagem de forte simbolismo para os viandantes. De todo, este contexto é indissociável do sepulcro que estamos a estudar, carecendo esta leitura, todavia, de mais aturada documentação de correlação.

#### 4. Arquitetura e estratigrafia

Em termos arquitetónicos, o sepulcro é composto por uma câmara cistóide de 4 esteios (dois de



granito e dois de gnaise)<sup>2</sup>, antecedida por um corredor/portal, virado a sudeste, meramente indicado por dois pequenos monólitos oblongos, ambos de granito, cravados ao alto (Fig. 7). Uma laje de granito de maiores dimensões, provavelmente componente da cobertura, [45], surgia disposta em cutelo, fazendo antever violações de tempo indeterminado. Outra laje em cutelo, de gnaise, poderia corresponder a um lintel, também ele derrubado.

A câmara apresenta um esteio de cabeceira, [5], que se encontrava claramente inclinado para o exterior, mas com a base ainda próxima da posição original. Do lado norte, a câmara é delimitada por dois pequenos esteios, [6] e [7], cravados em cutelo. O lado sul encontra-se, no entanto, delimitado apenas por um esteio, [4], igualmente em cutelo, mais comprido que alto. Em frente de ambos e a marcar a entrada, encontram-se dois blocos cravados ao alto, [8] e [9], esboçando um corredor curto ou simplesmente um portal.

Uma mamoa composta por espessa camada de terra argilosa, bastante avermelhada e com-

Fig. 6 – O sepulcro dos Godinhos na rede de povoamento e funerária da margem sul da Serra d'Ossa, nos IV/III milénios a.n.e. Assinalam-se dois dos caminhos naturais de travessia da serra.

<sup>2</sup> A caracterização geológica aprofundada das lajes desta anta e a sua respetiva proveniência são alvo de estudo detalhado no âmbito do projeto MEGA-GEO (PTDC/EPH-ARQ/3971/2012), pelo que esta classificação deve ser encarada de forma preliminar.



Fig. 7 – Vista geral da área de escavação do sepulcro dos Godinhos, antes do final dos trabalhos.

pacta, envolvia o monumento, ficando menos espessa na zona fronteira. Na base desta, no lado exterior ao esteio de cabeceira, documentou-se um interessante depósito composto por três pequenas pedras esféricas de quartzo, quartzo e uma rocha granitóide, [44], que comentaremos melhor adiante. Sobre a estrutura argilosa da mamoa, nas áreas escavadas, verificou-se, principalmente na periferia, uma coroa, de largura variável, de pedras pequenas de xisto e gnaisses, que se adensava junto da entrada do sepulcro que, todavia, deixava desimpedida. Efetivamente, esta construção mantém-se afastada da estrutura central do monumento exceto junto dos pequenos esteios do portal ou corredor curto, como que reforçando o conjunto cénico do acesso, eventualmente fechado pela laje [22], de gnaisse, encontrada quase deitada defronte da entrada do sepulcro. Esta poderá ser interpretada como uma possível pedra de soleira ou, mais provavelmente, como uma porta pétreo, cravada defronte dela, mas entretanto caída ou desviada em momento posterior à sua função original.

A sequência estratigráfica é relativamente simples e sequencial, mas não isenta de problemas específicos (Fig. 8). No geral, cremos documentar dois momentos distintos de uso do interior.

Um primeiro momento, aparentemente subsequente à fase de construção, é composto por um conjunto de unidades que em pouco diferem das restantes, ao estarem marcadas por terras bastante avermelhadas, com frequente cascalho miúdo local, que se adensa junto ao substrato. No seio destas unidades registaram-se duas deposições de vasos cerâmicos, [33] e [34]. Estes encontravam-se em locais distintos, um junto

ao esteio [6] e outro adjacente ao limite sul do esteio [5], estando, no entanto, ambos na área mais afastada da entrada do sepulcro, e claramente na base da estratigrafia, devendo corresponder a um primeiro momento de utilização, em que, putativamente, alguns indivíduos, provavelmente poucos, terão sido ali inumados.

Sobre esta estratigrafia dever-se-á ter efetuado a utilização mais tardia, constituindo a unidade [30] o interface de utilização sobre o qual terá sido depositado o putativo féretro, do qual nada se conservou. Sobre esta nova utilização colocou-se uma camada de pedras de pequeno calibre, [27], e várias outras unidades com terras avermelhadas, argilosas, com mais ou menos pedras, fechando o acesso ao monumento com a colocação de uma laje de gnaisse ao alto, [3]. Esta alteração não deixa de remeter para as múltiplas situações conhecidas de compartimentações do espaço funerário no interior das câmaras megalíticas conhecidas em sepulcros do sul do país em momentos avançados do III milénio a.n.e. Por outro lado, a configuração sub-retangular da câmara, reforçada pela presença desta laje de delimitação estreita as semelhanças com as grandes cistas conhecidas em toda a fachada atlântica no período em causa. Não cremos que a disposição em que encontramos quer o esteio de cabeceira quer a tampa de cobertura seja resultado desta utilização, o que não obsta a que estes possam ter sido também remobilizados.

As ações posteriores, nomeadamente a mobilização do esteio de cabeceira e da tampa, não deixaram traços cronológicos. Todavia, dado o estado de conservação dos achados, e apesar da clara mobilização dos maiores blocos do monumento, a afetação foi mínima em profundidade, verificando-se a presença do espólio de acompanhamento/oferenda *in situ*, cremos. Tal facto não obsta a que possam ter existido ações pontuais de remobilização, as quais poderão explicar a recolha de um pequeno geométrico no exterior do contentor pétreo.

Este sepulcro, ainda que passível de se integrar nos momentos mais antigos do Megalitismo regional, apresenta já uma arquitetura de certo modo complexa, mas longe da padronização característica de momentos mais avançados. A câmara apresenta uma estrutura simples, subretangular e aberta, com portal, construída em blocos de dimensão relativamente reduzida, com paralelos em sepulcros bem conhecidos como Areias

10 (CNS-20684; Leisner & Leisner, 1959) ou o Cabeço da Areia (CNS-26655; Heleno, 1933, p. 24; Rocha, 2005, vol. 2, p. 316)<sup>3</sup>. Todavia, a presença de uma mamoa bem estruturada, que parece realçar a fronteira do sepulcro, a par de um possível ritual fundacional, como se verá, deixa entender que a simplicidade estrutural e simbólica era apenas aparente.

Na realidade, ainda que a tónica deva ser colocada na relativa falta de padronização dos sepulcros desta fase mais antiga, enquanto estágio embrionário do futuro Megalitismo ortostático, começam a poder esboçar-se algumas tendências interessantes, que convinha indagar mais aprofundadamente no futuro, caso da escolha frequente de um grande esteio para um dos lados, norte ou sul indistintamente, enquanto no oposto se utilizam dois de menores dimensões, como se pode atestar em Godinhos, Cabeço da Areia e em Areias 10, mas também no sepulcro de Chãs 1, situado a meia dúzia de quilómetros para poente do primeiro. A par desta escolha surge igualmente a definição da área de entrada por um “portal”, isto é, dois pequenos blocos cravados ao alto demarcando o acesso à cripta.

### 5. Construção para os mortos, monumento para os vivos: os usos do sepulcro dos Godinhos

Esta leitura da estratigrafia em dois momentos de uso do sepulcro dos Godinhos, e à falta de elementos radiométricos datantes<sup>4</sup>, não é irrevogável, na justa medida em que as cerâmicas enquadradas na primeira fase de utilização pertencem, de um ponto de vista formal, ao designado “fundo comum” neolítico, constituindo, então, elementos bastante difíceis de posicionar cronologicamente.

#### 5.1. A ocupação neolítica

A ocupação neolítica do sepulcro dos Godinhos foi documentada principalmente no conjunto de unidades registado junto à base de enchimento da câmara, indicada em matriz como 1.ª fase de ocupação. Todavia, nem todos os elementos que reportamos a esta fase neolítica foram recuperados neste conjunto estratigráfico, surgindo elementos atribuíveis a este momento

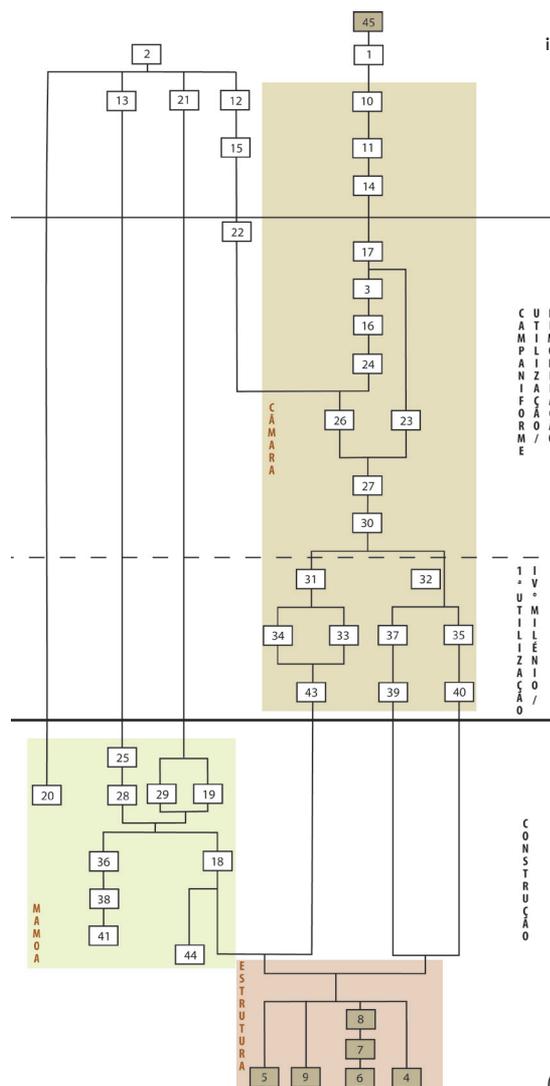


Fig. 8 – Matriz da intervenção no sepulcro dos Godinhos.

em posições estratigráficas posteriores. Assim, em seguida, ensaiar-se-á uma análise cronofuncional das realidades atribuíveis à primeira ocupação, comentando o respetivo contexto (Fig. 9). Foram identificados três trapézios (dois inteiros e um putativamente fragmentado) na escavação das U.E. 2, 10 e 35. As duas primeiras unidades correspondem a estratos superficiais da mamoa e câmara, respetivamente, pelo que a sua presença resulta, com muita probabilidade, de remeximentos posteriores. Já a Unidade [35] corresponde a um nível de base do enchimento, estratigraficamente coetâneo das duas deposições cerâmicas. Em termos tecno-tipológicos, os dois trapézios inteiros são assimétricos, embora a diferença métrica entre as duas truncaturas seja reduzida. O retoque é abrupto e direto, formando

<sup>3</sup> L. Rocha considera esta estrutura uma sepultura fechada (Rocha, 2005, p. 124), ao invés do que o próprio Manuel Heleno afirmava. De facto, observando atentamente as imagens disponíveis, e tendo em consideração as observações de Manuel Heleno, pensamos que este se deve integrar nos sepulcros abertos, de planta sub-retangular, tal como os Godinhos, ainda que apresentasse uma “porta fortificada”, mas sem corredor (Heleno, 1933, p. 24).

<sup>4</sup> O recipiente God[33] exibia, incrustado na sua estrutura, um nódulo de carvão, mas a tentativa de datação deste revelou-se infrutífera.

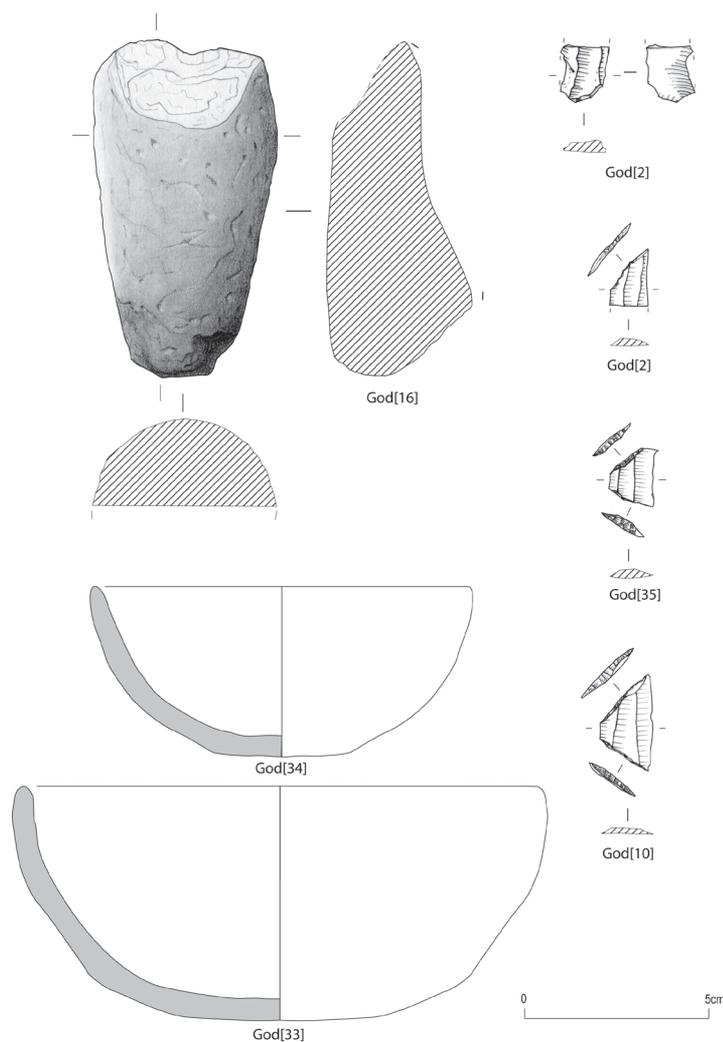


Fig. 9 – Conjunto lítico e cerâmico neolítico recuperado no sepulcro dos Godinhos.

truncaturas retas, e as secções são trapezoidais. As larguras máximas, que correspondem às larguras originais dos suportes, atingem, no maior exemplar, os 14 mm, enquanto os restantes apresentam uma largura de apenas 11 e 12 mm, muito perto do limite máximo habitualmente considerado para as lamelas (12 mm). Os comprimentos, nos dois exemplares inteiros, atingem os 26 mm e os 15,2 mm.

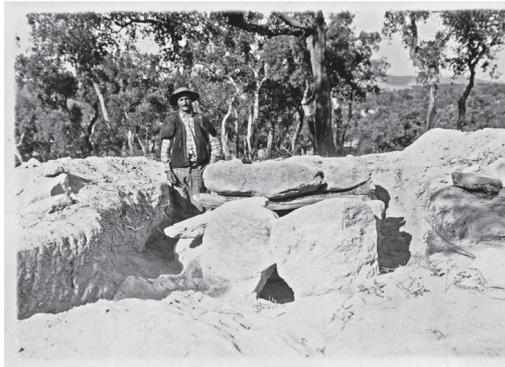
Do conjunto artefactual lítico deste monumento encontra-se praticamente ausente a componente lamino-lamelar, contabilizando-se apenas um pequeno fragmento de lamela proveniente da U.E. 2. A escassez desta componente em monumentos arquitetonicamente mais simples da região alentejana foi apontada no estudo realizado por Rocha (2005, p. 169).

Globalmente, o escasso espólio lítico recuperado no sepulcro dos Godinhos, a que

se acrescenta a exclusividade de geométricos entre as armaduras e a praticamente ausente componente lamino-lamelar, confere um carácter cultural de relativa antiguidade a este monumento no contexto do Megalitismo regional.

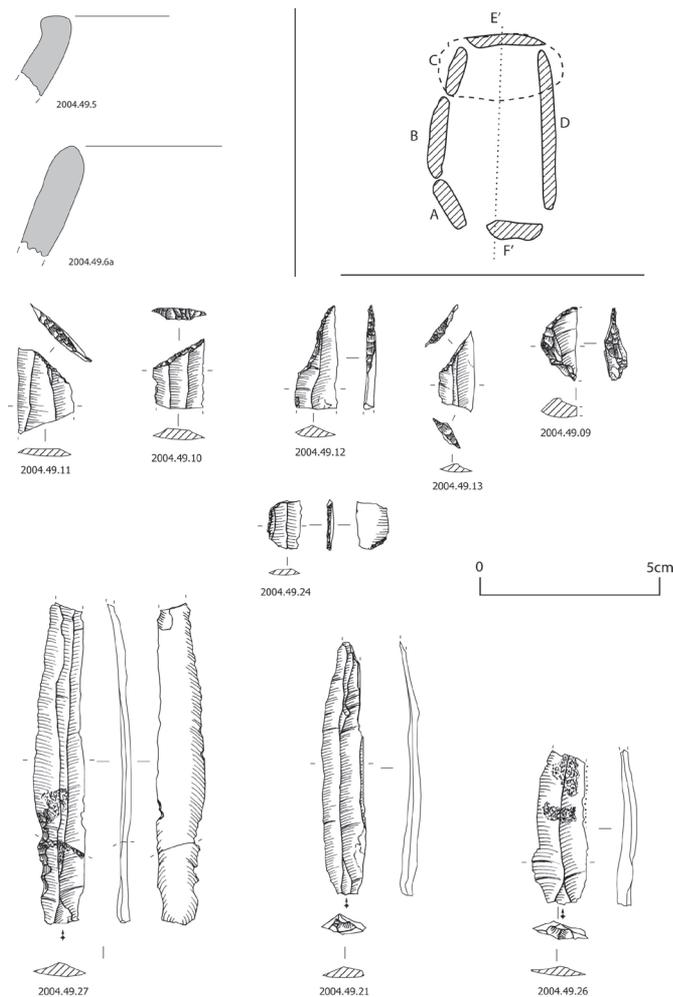
O domínio quase exclusivo de trapézios, sobretudo assimétricos, entre os geométricos surgidos em contextos funerários do Neolítico Médio e Final, encontra-se verificado na região alentejana (Leisner, 1985). A presença maioritária destas formas está atestada em vários sepulcros megalíticos, em concreto nos concelhos de Estremoz, Arraiolos, Mora, Coruche e Montemor-o-Novo (Rocha, 2005, p. 163). Segundo o estudo realizado por L. Rocha sobre o Megalitismo alentejano (Rocha, 2005, p. 163), os geométricos encontram-se presentes em todos os tipos arquitetónicos de antas, mas são mais frequentes nas “sepulturas abertas”, seguidas das antas de corredor curto (Rocha, 2005, p. 162) — perspectiva que o pequeno sepulcro dos Godinhos vem reforçar. Os trapézios surgem também nas antas da região de Lisboa, também aqui maioritariamente assimétricos (Boaventura, 2009, p. 228). Recentemente, no Baixo Alentejo, a presença dominante de trapézios assimétricos tem sido notada em contextos funerários de grutas artificiais e em fossas, como no Sepulcro 1 da Sobreira de Cima, Vidigueira (CNS-26331; Carvalho, 2013) e em Outeiro Alto 2, Serpa (CNS-31241; Valera & Filipe, 2012). Em algumas peças encontraram-se preservados vestígios da substância de encabamento, levando a crer na função de ponta de projétil (Dias, 2008; Valera & Filipe, 2012, p. 34; Valera, 2013, pp. 55, 114).

No sepulcro dos Godinhos temos, também, um fragmento de trapézio apenas com uma truncatura retocada, de delineação reta. A presença de trapézios de forma aparentemente “retangular”, mas apresentando apenas uma truncatura retocada, parece ser algo recorrente em sepulcros megalíticos do Sul de Portugal, situação visível no espólio lítico da pequena Anta do Cabeço da Areia (Figs. 10 e 11), bem como, segundo os registos gráficos de V. Leisner (1985), das antas centro-alentejanas Talha 3 (CNS-1789), Outeiro de Santa Clara (CNS-1414), Lobeira de Baixo 3 (CNS-26581), Azinhal 3 ou Vale de Covas (CNS-17174), Deserto 5 (CNS-26553), Filtreira 1 ou Fuletreira (CNS-1690), Besteiros 3 (CNS-19861),



Rouco (CNS-26582) e Poço de S. Geraldo 2 (CNS-19403). Estas peças surgem, também, na Estremadura, por exemplo, na gruta do Lugar do Canto (CNS-2623; Cardoso & Carvalho, 2008). A sua frequência leva-nos a formular a hipótese de que poderão não corresponder a fragmentos de trapézios, mas antes a peças inteiras em que a fratura que conforma o ângulo reto foi intencionalmente deixada em bruto.

Ao nível da componente de pedra lascada, o surgimento de geométricos na Anta dos Godinhos, a par da ausência de pontas de seta — situação sistemática nas antas pequenas alentejanas (Rocha, 2005, p. 214) — aponta, numa perspetiva clássica, para uma cronologia relativamente antiga deste sepulcro no contexto do Megalitismo alentejano e do modelo evolutivo que tem sido defendido desde as propostas de Manuel Heleno. Segundo este, os monumentos de pequena dimensão, sem corredor e espólios simples e “arcaicos” (machados de secção redonda e quadrangular, com corpo picotado ou por polir, geométricos e escassa cerâmica — espólio detetado na escavação dos Godinhos) antecedem os monumentos mais recentes, de maior dimensão e marcados pela deposição de placas de xisto e pontas de seta (Rocha, 2005, p. 110). Esta perspetiva sequencial e aditiva dos espólios, não tendo sido contraditada, foi recentemente, em parte, posta em causa, argumentando-se que dentro da segunda metade do IV milénio a.n.e. se assiste a uma progressiva diversificação dos espólios, mantendo-se em paralelo dois pacotes votivos distintos, um mais conservador, sem pontas de seta nem cerâmica e outro mais diverso onde estes elementos, e as placas de xisto, surgem (Valera, 2013, p. 116). Como em outro local avançámos, e como o próprio



autor admite, cremos que terá existido uma sequência cronológica mais fina que marcou a sucessão destas tradições votivas (Boaventura, 2009; Boaventura & Mataloto, 2013, p. 85), que se substituem no tempo, não invalidando, obviamente, uma ligeira contemporaneidade, impossível de aprisionar devidamente nos intervalos do radiocarbono.

Neste sentido, e ao invés de A. Valera, cremos que os dados arqueométricos da Sobreira de Cima, em particular dos sepulcros 1 e 3 (Valera, 2013, p. 41), permitem integrar os respetivos conjuntos votivos funerários, em boa medida, dentro do terceiro quartel do IV milénio a.n.e. Estes seriam, então, justamente anteriores, segundo cremos, à fase aditiva onde a cerâmica se torna frequente e as pontas de seta e ídolos-placa se integram nos reportórios votivos, como defendemos anteriormente, com base, entre outras, nas datações obtidas em monumentos como Rabuje 5 (CNS-11706) ou

Fig. 10 – Fotografia da escavação do sepulcro do Cabeço da Areia (1933) (Arquivo Fotográfico do Museu Nacional de Arqueologia - espólio Manuel Heleno).

Fig. 11 – Conjunto artefactual recuperado no sepulcro do Cabeço da Areia; planta do sepulcro com base no esboço elaborado por Manuel Heleno (1933, Caderno 11, p. 26)

Fig. 12 – Comprimentos comparados dos trapézios provenientes dos sepulcros de Godinhos, Rabuje 5 e Cabeço da Areia.

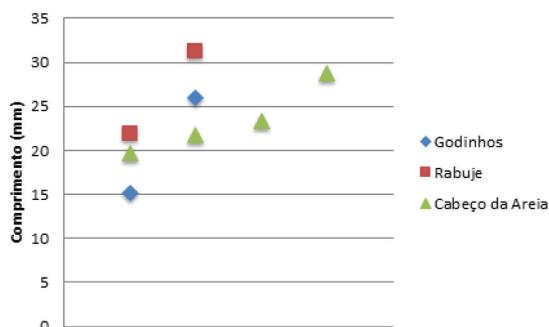
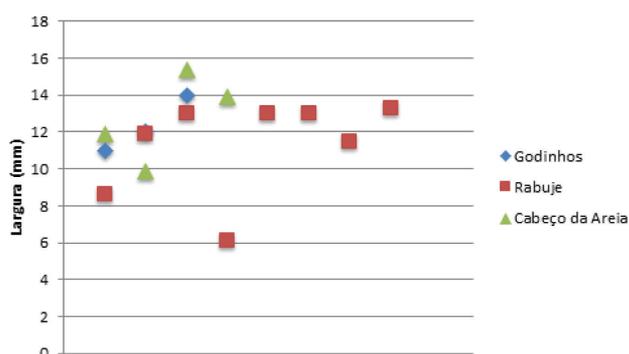


Fig. 13 – Larguras comparadas dos trapézios provenientes dos sepulcros de Godinhos, Rabuje 5 e Cabeço da Areia (note-se que no caso de Rabuje, estão incluídos trapézios com a base menor retocada, pelo que as medidas desses exemplares sofreram afetação por retoque).



Cabeço da Areia (Boaventura & Mataloto, 2013). Estamos, no entanto, cientes que este aspeto carece de uma análise mais aturada, impossível de realizar aqui.

As dimensões dos trapézios do sepulcro dos Godinhos, nomeadamente ao nível dos comprimentos e larguras, coadunam-se com as apresentadas por exemplares dos sepulcros de Rabuje 5 (Monforte) e Cabeço da Areia (Montemor-o-Novo). Com efeito, comparando-os, verifica-se que os comprimentos raramente ultrapassam os 30 mm (Fig. 12) e as larguras situam-se abaixo dos 16 mm (Fig. 13), apontando para que os suportes utilizados na produção destas peças correspondessem às designadas “lâminas delgadas” (Boaventura, 2009, p. 229). Estes valores são similares aos apresentados por geométricos provenientes de antas da região de Lisboa, ainda que do ponto de vista tipológico se denotem diferenças, sendo nesta região mais frequentes as truncaturas sinuosas ou côncavas (Boaventura, 2009, p. 229).

A proximidade artefactual para com os materiais do Cabeço da Areia, ainda que com os seus matizes<sup>5</sup>, reveste-se de grande relevância, atendendo à datação obtida sobre ossos humanos neste pequeno sepulcro megalítico, que permite enquadrar o seu uso dentro do terceiro

quartel do IV milénio a.n.e. (Boaventura, 2009, p. 349), favorecendo um enquadramento cronológico dos Godinhos aproximado a este.

É ainda de referir que, durante a escavação do sepulcro dos Godinhos, foi recuperado, sobretudo nas unidades superficiais, um conjunto relativamente numeroso de restos de talhe de quartzo, lascas (maioritariamente fraturadas) e alguns núcleos informes, ainda que a identificação de estigmas de talhe neste tipo de matéria-prima seja difícil, exigindo a colocação de necessárias reservas. Embora indicie a existência de uma indústria de carácter expedito, a sua atribuição crono-cultural é difícil. Destaca-se a ausência, deste conjunto, de núcleos prismáticos talhados em quartzo hialino.

Na base da estratigrafia foram documentadas duas pequenas taças cerâmicas [33] e [34], de perfil hemisfé-

rico, bastante usuais nos contextos funerários e não funerários alentejanos, pelo que seria ociosa qualquer tentativa de listagem de paralelos (Fig. 14). No entanto, consideramos bastante relevante reforçar que ambas se encontravam justamente na base da estratigrafia (Fig. 15). Para além da cerâmica e dos geométricos, cremos ser passível de atribuir a este momento um pequeno instrumento de pedra polida, de secção circular, bastante deteriorado e fraturado, o qual surgiu, todavia, em estratos claramente mais tardios que a ocupação inicial, [10], na área da entrada.

Como se apontou acima foram detetadas três pedras esféricas, de litologias e dimensões distintas, colocadas na base da mama, junto ao esteio de cabeceira do sepulcro (Fig. 16).

A forma esférica foi obtida essencialmente por picotagem, e eventualmente abrasão ligeira, apresentando diâmetros até aos 45 mm. Segundo os critérios definidos por J. L. Cardoso (2001–2002), estas enquadram-se no grupo de esferas de pequenas dimensões. Conhecem-se outros sepulcros onde peças semelhantes foram registadas, nomeadamente em contextos do Megalitismo alentejano, nas Antas de Vendas de Nisa, Nisa (sem CNS), Sobreira 1 e Texugo 2 (ambos sem CNS, Elvas)<sup>6</sup>, Entreáguas 1 (CNS-1680) e Brissos 1

<sup>5</sup> Neste sepulcro foram recolhidos diversos fragmentos de cerâmica, de pequena dimensão, não correspondendo a qualquer recipiente completo, tal como fica patente na descrição dos achados por Manuel Heleno (1933, p. 25). Além destes mencionam-se a presença de dois machados, um de secção circular e outro sub-retangular, “mal polidos”, que não estavam junto do material deste sepulcro solicitado ao Museu Nacional de Arqueologia.

(CNS-1887), estas duas últimas em Mora (Leisner & Leisner, 1959; Cardoso, 2001–2002; Boaventura, Ferreira & Silva, 2013, 2014), para além de vários outros sítios na Estremadura (Cardoso, 2001–2002, p. 80). As leituras apresentadas sobre estas peças são variadas, entre as mais iminentemente funcionais, às mais simbólico-rituais, sendo adequado acompanharmos J. L. Cardoso ao manter em aberto a diversidade de usos que as peças esferóides poderiam ter (Cardoso, 2001–2002). Contudo, e em particular no que respeita aos exemplares “megalíticos”, desconhecemos a proveniência exata da maioria, com a exceção do caso de Texugo 2, onde a esfera foi recolhida no corredor, junto com uma concentração de instrumentos de pedra polida (Deus & Viana, 1953) e agora, dos Godinhos, que parece certamente vir reforçar o seu carácter simbólico, e mesmo



telúrico, atendendo à sua colocação como autêntico depósito fundador na base da estratigrafia. Parece-nos oportuno relembra aqui também o carácter votivo e ideotécnico relevante atribuído recentemente a seixos e

Fig. 14 – Vista geral da unidade [34], uma pequena taça depositada no fundo da câmara.

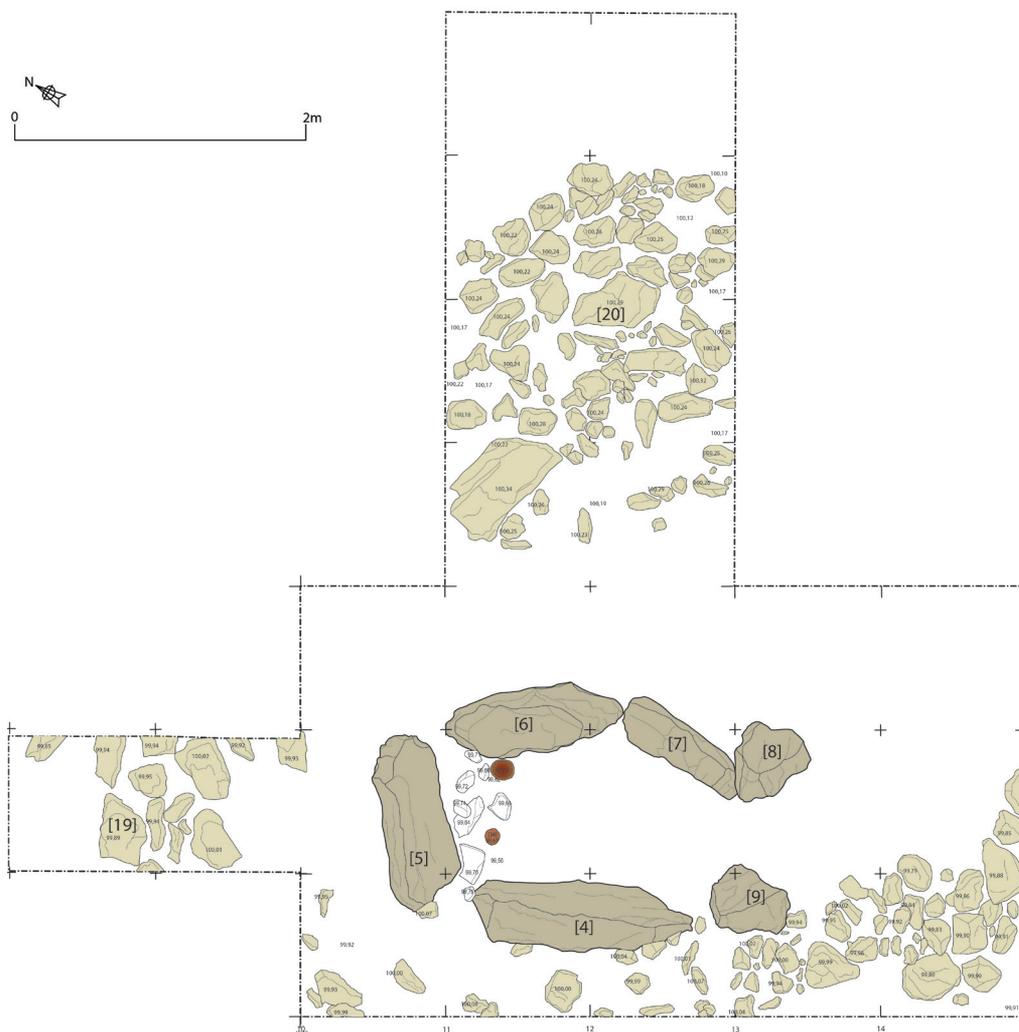


Fig. 15 – Anta dos Godinhos – Campanha 2010. Planta geral com as deposições cerâmicas na base da câmara, [33] e [34].

<sup>6</sup> Contrariamente ao afirmado por J. L. Cardoso (2001–2002, pp. 79–80), as esferas de Sobreira 1 e Texugo 2 são duas peças distintas. A primeira foi recolhida por Nery Delgado no século XIX e depositada no Museu Geológico, sendo posteriormente referida por Abel Viana e Dias de Deus (1955, p. 17; Boaventura, Ferreira & Silva, 2013). A esfera de Texugo 2 foi recolhida na intervenção dos referidos arqueólogos depois de 1951 (Deus & Viana, 1953, p. 232), tendo inclusive registado o local da sua recolha.

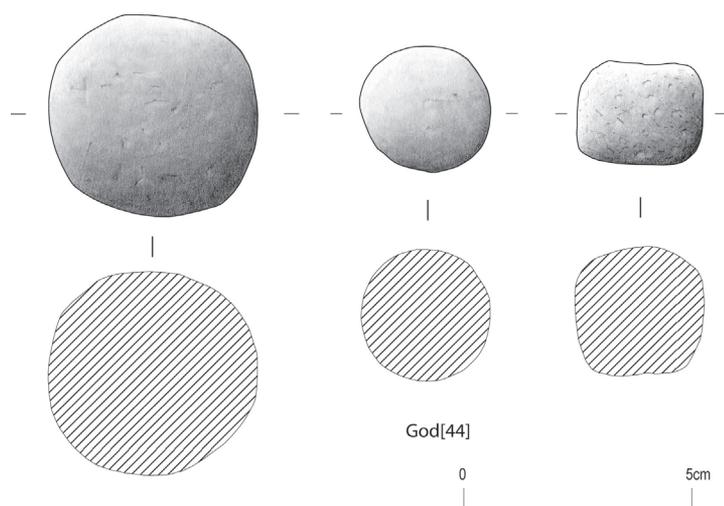


Fig. 16 – Esferas líticas recolhidas na base da estratigrafia, [44].

cristais de quartzo aparecidos em contextos funerários do III milénio a.n.e. e não só (Forteza & alii, 2008), que nos recorda ainda os comentários de C. Ribeiro (1880) acerca de um aglomerado de seixos de rio na Anta de Monte Abraão (Boaventura, 2009, p. 49). A construção, e primeira utilização, do sepulcro dos Godinhos deverá enquadrar-se num momento aparentemente avançado, mas anterior às últimas centúrias, da segunda metade do IV milénio a.n.e., se atendermos à presença de pequenas taças cerâmicas e de um trapézio na base da estratigrafia do sepulcro. A presença de recipientes cerâmicos nestas antas pequenas de planta simples e dimensão modesta, consideradas por alguns autores como “protomegalíticas”, parece ser ligeiramente posterior a um primeiro momento do Megalitismo regional, anterior ou em redor dos meados do milénio, durante o qual a cerâmica está ausente, como se tem vindo a propor (Boaventura, 2009; Boaventura & Mataloto, 2013). Este espólio apresenta-se em tudo semelhante a monumentos de arquitetura dita “mais evoluída” da região, já com corredor curto, como os sepulcros de Poço da Gateira 1 (CNS-4031) ou Gorginos 2 (CNS-1269), tendo este último o interesse acrescido de conhecer igualmente um reuso tardio, marcado pela presença de uma ponta de seta de pedúnculo longo e aletas (Leisner & Leisner, 1959).

### 5.2. A utilização dos finais do III milénio a.C.

O sepulcro dos Godinhos terá sido reutilizado num momento indeterminado que cremos situar-se algures na segunda metade do III milénio

a.n.e. Esta nova utilização, como já se mencionou, acabou por atribuir uma nova configuração ao espaço funerário, com a colocação da laje [3] em cutelo no interior da câmara próximo da área da entrada, após a deposição de um putativo féretro e respetivo conjunto artefactual sobre as utilizações anteriores, que poderemos reunir no interface de utilização [30] (Figs. 17 e 18). Este era composto por um vaso, bastante fragmentado, de perfil troncocónico, de base aplanada, um pequeno braçal de arqueiro em xisto, sub-retangular, com uma perfuração em cada topo, e uma pequena lâmina de ouro torcida de modo helicoidal alargado, como se tivesse sido enrolado ligeiramente sobre um corpo cilíndrico, nomeadamente algum tipo de fio. Os dois primeiros artefactos mencionados encontravam-se junto do esteio do lado sul, [4], enquanto a pequena lâmina de ouro se encontrava junto do esteio [7], situado no lado norte (Fig. 18). A ausência de vestígios osteológicos impede maiores considerandos, contudo, cremos ser plausível a presença de um enterramento.

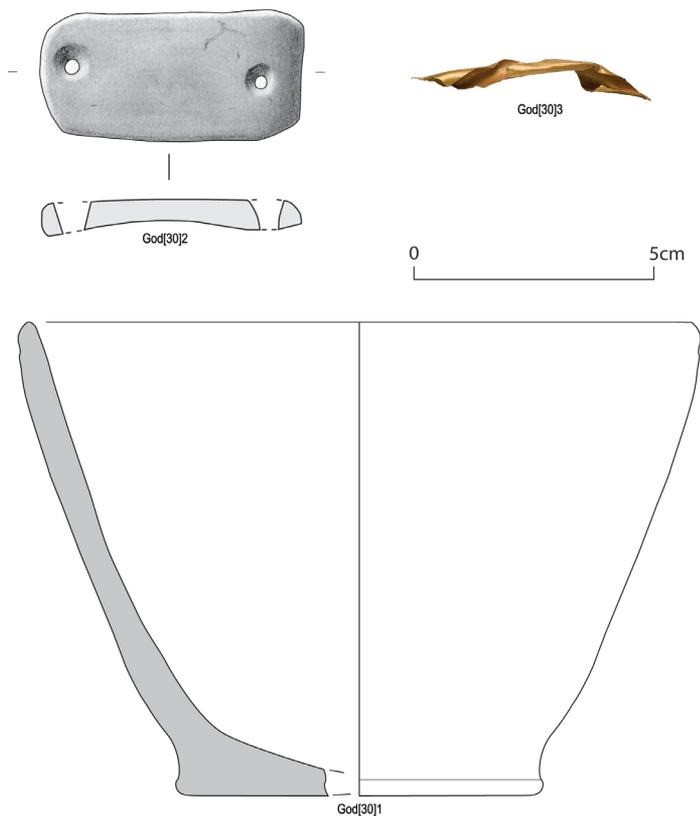
O conjunto artefactual não é comum, não tendo paralelo direto em qualquer outro contexto funerário alentejano, não obstante a associação do braçal de arqueiro e da lâmina de ouro permita que se aponte para um momento tardio do III milénio a.n.e. Na realidade, este enterramento pode, vagamente, integrar-se dentro do designado “Horizonte da Ferradeira”, cuja síntese, problemática e cronologia foram comentadas recentemente (Mataloto, Martins & Soares, 2013).

Os braçais de arqueiro, não sendo propriamente abundantes nos contextos funerários deste período, são, contudo, frequentes, apresentando usualmente uma forma sub-retangular mais alongada que o exemplar aqui em apreço, o qual revela grandes similitudes com os documentados nas grutas artificiais do Casal do Pardo (CNS-860; Soares, 2003, p. 138), onde putativamente acompanham abundante espólio campaniforme e pequenas chapas de ouro. Recentemente, foram documentados dois braçais de arqueiro no *Tholos* de Centirã 2 (CNS-28756), aparentemente integráveis dentro do terceiro quartel do III milénio a.n.e. (Henriques & alii, 2013, p. 342). A presença de pequenos recipientes de fundo aplanado é conhecida em contexto funerário ao longo do III milénio a.n.e. Contudo, estas formas são raras

em contexto habitacional, vindo a aparecer essencialmente em momentos avançados do milénio, principalmente após a disseminação das formas campaniformes. Deste modo, estamos em crer que, apesar de conhecida anteriormente, a forma de fundo plano dos Godinhos se deverá reportar já a um momento bastante avançado do milénio. A recuperação de um vaso bastante semelhante ao da Anta dos Godinhos junto do enterramento da fossa 1 do recinto da Bela Vista 5 (Beja) (CNS-33659; Valera, 2014, p. 42), datado dentro do último quartel do III milénio a.n.e. (Valera, 2014, p. 33), parece confirmar, de certo modo, esta perspetiva.

No mesmo sentido aponta a ausência, no conjunto dos Godinhos, de formas campaniformes lisas, mais comuns em território alentejano (Mataloto, 2006), datadas no sepulcro do Monte da Velha 1 (CNS-12176) dentro do terceiro quartel do III milénio a.n.e. (Soares, 2008, p. 47) e na Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, Estremoz (CNS-2276) já dentro do último quartel (Rocha & Duarte, 2009, p. 768), sendo também conhecida na Anta das Casas do Canal 1 (CNS-2010; Leisner & Leisner, 1955). Como nos foi possível constatar recentemente, um vaso de morfologia afim ao dos Godinhos deve ter acompanhado o enterramento documentado e datado na Anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, escavada por Manuel Heleno, deixando clara a sua utilização na região durante o último quartel do III milénio a.n.e., momento quando, cremos, deverá ter sido efetuado o reuso do sepulcro aqui em estudo.

O reuso do sepulcro dos Godinhos pode integrar-se, genericamente, no designado “Horizonte Ferradeira” que, de uma construção cultural globalizante (Schubart, 1971), se tem vindo a assumir basicamente como um conjunto de preceitos funerários, enquadrados no processo de individualização das deposições funerárias que, durante a segunda metade do III milénio a.n.e. marcará a transição para a Idade do Bronze, (Mataloto, Martins & Soares, 2013, p. 327; Valera, 2014, p. 102), acompanhando a desestruturação do modelo social vigente durante a primeira metade do milénio (Mataloto & Boaventura, 2009; Valera, 2014, p. 102). Cremos que este processo de individualização funerária, e o modo como decorre, mais que representar um particularismo regional (Valera, 2014, p. 102), evidencia uma ten-



dência geral que abrange todo o Ocidente peninsular, assumindo designações e matizes diversos, como fizemos notar anteriormente, em particular no que diz respeito ao “Horizonte Montelavar” (Mataloto, 2006; Brandherm, 2007), representando, dada a sua contemporaneidade, uma resposta diferenciada face ao papel social e funerário desempenhado pela cerâmica com decoração campaniforme (Valera, 2014, p. 102).

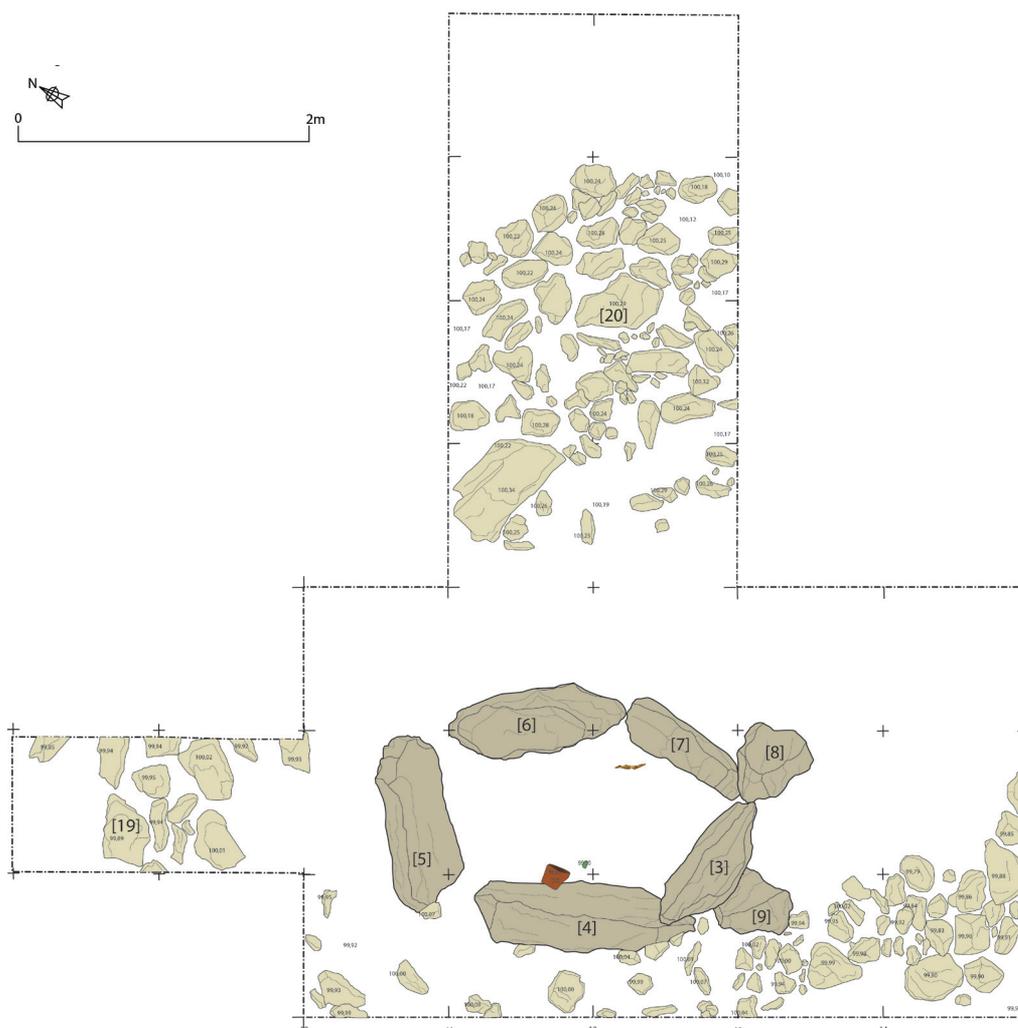
## 6. Nem tudo o que brilha é ouro, mas às vezes é ...: reutilizações em ambientes do Megalitismo alentejano

### 6.1. Caracterização composicional de uma lâmina de ouro do sepulcro dos Godinhos

A lâmina de ouro do sepulcro dos Godinhos foi analisada por espectrometria de fluorescência de raios X, dispersiva de energias (EDXRF). O espectrómetro utilizado (Kevex 771) possui uma fonte de excitação primária composta por uma ampola de ródio de 200 W e um detetor de Si(Li) com uma resolução de 175 eV (Mn-

Fig. 17 – Conjunto artefactual associado ao reuso do sepulcro dos Godinhos no III milénio a.n.e.

Fig. 18 – Anta dos Godinhos – Campanha 2010. Planta geral do sepulcro dos Godinhos, com unidade [30], com os elementos associados ao putativo enterramento.



Ka). De modo a otimizar a deteção dos elementos constituintes da lâmina, esta foi analisada utilizando a radiação secundária de um alvo de prata e em seguida através da radiação secundária de um alvo de gadolínio. As condições de análise foram 35/57 kV de diferença de potencial e 0,5/2,0 mA de intensidade de corrente, respetivamente. A calibração foi efetuada através da medição do material de referência IAEA 3 (International Atomic Energy Agency), utilizando as mesmas condições de análise. A exatidão do método foi estimada através da quantificação do material de referência IAEA 2, tendo-se verificado que os erros relativos são ~1% para o elemento maior da liga (ouro) e inferiores a 10% para os restantes elementos (prata e cobre). A lâmina do sepulcro dos Godinhos é constituída por uma liga de ouro com cerca de 9%

de prata e vestígios de cobre (Tabela 1). Este tipo de liga com um elevado teor em ouro, teores variáveis de prata e vestígios de cobre foi igualmente encontrado em 14 lâminas da necrópole calcolítica dos Perdígões (Soares & alii, 2012). Esta composição indicia a utilização de uma liga natural de ouro e prata — eletro — a qual pode apresentar percentagens variáveis de prata. De facto, os artefactos dos Perdígões apresentam teores inferiores de prata (0,6 a 5,5%) quando comparados com o exemplar do sepulcro dos Godinhos (9,2%), sugerindo a utilização de um *electrum* mais pobre neste último. Deste modo, parece que a tipologia simples destes artefactos calcolíticos — bandas para aplicação e lâminas para revestimento — se encontra associada a uma tecnologia metalúrgica ainda incipiente, para a qual a produção de ligas metálicas aparenta ser desconhecida.

Apesar dos problemas conhecidos sobre a ausência de cronologias seguras para muitos dos ouros pré-históricos estudados no território nacional, ou seja, a ausência de contextos bem estabelecidos e datados por radiocarbono, a comparação das composições destes artefactos permite algumas considerações gerais (Fig. 19). De um modo geral, os teores de prata e cobre nestes ouros pré-históricos aumentam durante o segundo milénio, sendo que apenas durante o Bronze Final parece haver uma tendência clara para ligar o ouro, quer com o cobre, quer com a prata (Soares, Araújo & Alves, 2004, p. 131). O elevado teor em ouro dos artefactos calcolíticos resultaria numa cor mais dourada, assim como numa menor dureza, a qual seria ideal para obtenção destas finas lâminas através de operações sucessivas de martelagem e recozimento.

### 6.2. O ouro megalítico: sociedade, memória e paisagem

Em trabalhos anteriores um de nós (RM) tem vindo a assinalar a enorme frequência com que os sepulcros megalíticos são reintegrados nos discursos das comunidades do final do III milénio a.n.e. e da Idade do Bronze, quer através do seu uso como espaço sepulcral, quer através de outras ações de rememoração e revisitação do espaço dos antepassados (Mataloto, 2005, 2006, 2007). Será neste quadro de reintegração dos monumentos numa nova Paisagem, após as profundas transformações que parecem ocorrer no Alentejo durante a segunda metade do III milénio a.n.e. (Mataloto, 2007, p. 128; Mataloto & Boaventura, 2009), que veremos surgir um conjunto de presenças áureas em contexto megalítico (Fig. 20).

Numa envolvente próxima à região da Serra d'Ossa foram registados dois achados áureos genericamente desta fase. Um documentado na Anta Grande do Zambujeiro (CNS-62; Museu de Évora 4386/1 e 2; (Évora<sup>7</sup>), e outro no sepulcro 2 dos Perdigões (CNS-597; Valera & Godinho, 2009, p. 374).

Na anta Grande do Zambujeiro foram documentadas duas pequenas placas com duas bandas de decoração "em espinha", bastante deterioradas, apresentando uma delas duas perfurações para suspensão. O tema inscreve-se, claramente, dentro das gramáticas decorativas campaniformes do tipo inciso

Au (%)	Ag (%)	Cu (%)
90,7	9,2	<0,10

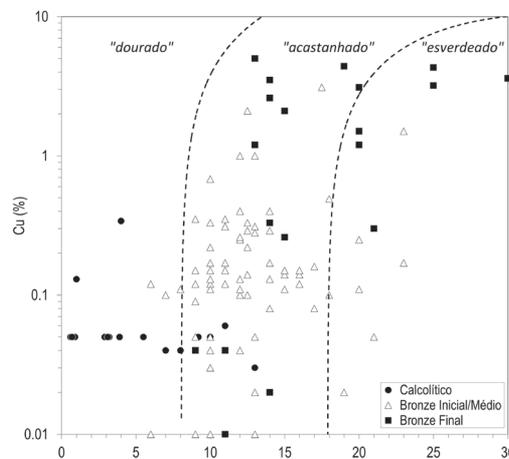


Tabela 1 – Composição da lâmina de ouro do sepulcro dos Godinhos.

Fig. 19 – Composição de artefactos em ouro do território Português (este artigo; Hartmann, 1982; Soares & alii, 2012) e tendências cromáticas das ligas Au-Ag-Cu (adaptado de Grimwade, 2000).

conhecidas na região, tal como acontece com as chapas de ouro dos monumentos de Alcalar 4 e 11 (CNS-7234 e 7238), do povoado de Moita da Ladra (CNS-19186; Cardoso & Caninas, 2010, p. 93) e as conhecidas de La Pijotilla (Celestino & Blanco, 2006). A este elemento áureo da anta Grande do Zambujeiro pode-se, indiretamente, associar a datação obtida sobre carvões recolhidos numa fossa no exterior do monumento, junto da grande estela que terá sido erguida, aparentemente, nesta fase (Soares & Silva, 2010, p. 100). Esta data (Beta-243693 - 3910±40BP) parece remeter o uso cerimonial do exterior do monumento para um momento dentro do terceiro quartel do III milénio a.n.e., quando a ereção de uma grande estela fronteira à entrada reforçaria o significado simbólico do monumento, o que não obsta à sua utilização funerária durante esta fase. No entanto, os dados são particularmente escassos, conhecendo-se apenas a presença de uma inumação associada a um punhal de cobre (Santos, 2009, p. 78) e a presença de um braçal de arqueiro, proveniente do exterior (Soares & Silva, 2010).

No caso dos Perdigões, foram documentadas duas chapas de ouro, além de 12 outros fragmentos menores (Soares & alii, 2012), no interior da câmara do sepulcro 2, junto com restos osteológicos humanos, mas fora de uma reutilização tardia documentada numa pequena área delimitada por lajes de xisto (Valera & Godinho, 2009, p. 374). Estas utilizações tardias terão

<sup>7</sup> <http://museuevora.imc-ip.pt/pt-PT/coleccoes/prehistoria2/ContentDetail.aspx?id=147> página do Museu de Évora, consultada dia 08/01/2014.



Fig. 20 – Vistas da chapa de ouro recolhida nos Godinhos (foto de José Paulo Ruas).

decorrido, durante o terceiro quartel do III milénio a.n.e., atendendo às datações obtidas sobre os ossos humanos (Valera, 2014a, p. 22). A estas podem associar-se pequenas lâminas de ouro nativo, permitindo verificar que este estava já a ser trabalhado durante aquele período.

Além dos casos referidos são conhecidas, de sepulcros pré-históricos coletivos, outras evidências áureas no centro e sul de Portugal. No *Tholos* da Tituaría (CNS-2172), em níveis relativamente superficiais, sobre enterramentos de época campaniforme, recolheram-se três pequenos fragmentos de chapa de ouro com decoração martelada, eventualmente pertencentes a um diadema (Cardoso & alii, 1996, p. 166). Além destas, encontramos outras jóias mais elaboradas como os pendentis da gruta da Ermegeira (CNS-661), de cronologia mais complexa de afinar, e com um paralelo muito próximo à nossa região no pendente de Estremoz<sup>8</sup>, e o anel em espiral de ouro da gruta artificial de São Pedro do Estoril 1 (CNS-3031). Nesta última, a falange humana cuja espiral envolvia foi datada dentro do último quartel do III milénio a.n.e. (Gonçalves, 2009, p. 240). Este último apresenta, aliás, grande semelhança com outro documentado em Casal do Pardo, a par de outras chapas de ouro, como mencio-

námos acima (Soares, 2003, p. 138). Recentemente foi dado a conhecer mais um interessantíssimo achado áureo de 15 peças, constante de diversas placas de ouro enroladas, conta bicónica e anéis, identificados numa provável gruta artificial do Convento do Carmo (CNS-33517), em Torre Novas<sup>9</sup>. Talvez os elementos áureos que apresentem maior semelhança com o documentado no sepulcro dos Godinhos sejam as pequenas torcidas helicoidais de ouro documentadas na gruta da Verdelha dos Ruivos (CNS-12825), possivelmente associadas a elementos campaniformes (Zbyszewski & alii, 1981). Porém desconhecem-se os contextos concretos de achado, cuja associação às datas de radiocarbono conhecidas, principalmente as que se reportam aos enterramentos dentro do terceiro quartel do III milénio a.n.e. (Boaventura, 2009, anexo 3) é um exercício manifestamente probabilístico.

Por último, seria ainda relevante apontar o enterramento efetuado no corredor do túmulo de Juan Ron (Bueno, Bermejo & Balbín, 2005, p. 70), situado na região de Alcântara, onde se registou uma deposição de um vaso campaniforme liso e uma taça de fundo em ônfalo associadas a uma pequena chapa de ouro.

Em geral, estas placas de ouro surgem sem evidências claras da sua aplicação ou uso, o qual se poderia associar a elementos de indumentária ou de revestimento de elementos perecíveis em tecido, osso ou madeira. O achado de um conjunto destas pequenas chapas de ouro em torno do crânio de um indivíduo sepultado num dos hipogeus de Camino de Yeseras (Madrid) aponta neste sentido, estando provavelmente associadas, naquele caso, a diademas em ouro apostos sobre uma base têxtil (Liesau & alii, 2008, p. 115).

O ouro é usualmente relacionado com elementos destacados do ponto de vista social, surgindo por vezes no reuso de sepulcros já de si “diferenciados”, como na Anta Grande do Zambujeiro, ou associados a sítios de grande relevância, caso dos povoados dos Perdigões e Alcalar. Todavia, no caso vertente dos Godinhos não se aplicam ambas as situações, quer pela escassa monumentalidade do sepulcro, quer pelo desconhecimento na região mais imediata de extensas ocupações coevas, quer mesmo pela singeleza do restante espólio, ao invés do espólio exótico, como marfim e âmbar, documentado nos monumentos citados — que a ter existido nos Godinhos não se preservou.

<sup>8</sup> Em depósito no Museu Nacional de Arqueologia, n.º inv. Au417 – <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?idReg=110128>.

<sup>9</sup> <http://www.ionline.pt/artigos/portugal/necropole-pre-historica-4500-anos-descoberta-portugal>.

O reuso de sepulcros antigos em momentos avançados do III milénio a.n.e. e durante a Idade do Bronze é um fenómeno largamente documentado e debatido por toda a Europa, de há muito; todavia, no sul do território atualmente português, talvez por forte acantonamento dos investigadores a temáticas cronológicas bastante delimitadas, estes fenómenos nunca conheceram uma análise e debate aprofundado.

R. Bradley (1993, p. 116), num estudo já clássico, alerta-nos para o facto do reuso dos antigos sepulcros poder revestir-se de múltiplas formas, nem sempre com um significado e propósito social. Igualmente, J. Thomas assinala, justamente para o contexto ibérico, e em particular para as presenças campaniformes em contextos megalíticos, que estas poderão revestir-se de propósitos variados, quer na continuidade dos rituais antigos, quer na emergência de novos preceitos perante a morte e na relação com o próprio grupo (Thomas, 2005, p. 128).

Os anos 90, e igualmente boa parte da última década, conheceram um imenso fenómeno que percorreu a Pré-História europeia como um efeito placebo, uma “*ancestormanía*” que permitia colocar no centro do debate dos usos e reusos dos monumentos pré-históricos, sepulcros ou não, a veneração de antepassados, quer como ato de legitimação de continuidades, quer de refundação, como J. Whitley bem condensou no seu texto “Too many ancestors” (Whitley, 2002). No entanto, estamos cientes que não devemos, como o próprio autor reconhece, simplesmente eliminar do discurso a ligação aos antepassados, mas sim procurar outras vias, inclusivamente de vínculo com o passado, que não tem por que ser uma simples assunção de ancestralidade. E é justamente aqui que, cremos, entra outro aspeto que esteve desde cedo intrinsecamente ligado a esta temática: a criação de memória. Este é um tema amplo e bastante complexo, que passa claramente pelas neurociências e os fenómenos fisiológicos de construção de memória, mas que é absolutamente indissociável do contexto social que o origina.

A memória é, de modo muito genérico, a consciencialização individual da ação cognoscente, mediada pela partilha de símbolos e valores socialmente aceites. Assim, e seguindo M. Halbwachs, o grande teórico da memória coletiva (1950 [1997]), a memória é essencialmente um ato de construção coletiva, essencial para a própria formação do grupo, o qual apenas existe

num espaço e num tempo socialmente construído e partilhado, inseparável de si mesmo (Halbwachs, 1997 [1950], p. 196). É esta existência dos grupos no espaço que resulta aqui essencial, porque é ela própria a ação de construção de paisagem sendo, como em outro lugar já escrevemos (Mataloto, 2007, p. 124), memória e paisagem um binómio inseparável na criação da identidade do próprio grupo. Assim, a noção de grupo e do seu espaço “*ne dure que dans la mesure où le groupe fixe sur elle son attention et l’assimile à sa pensée*” (Halbwachs, 1997 [1950], p. 236). E será neste quadro que devemos entender a integração do sepulcro dos Godinhos numa nova paisagem, que deverá, já de si, resultar da emergência de um novo grupo, decorrente da desagregação das realidades sociais e culturais existentes durante grande parte do III milénio a.n.e.

A criação, manipulação e reconstrução de Memória é um ato essencial na manutenção dos próprios grupos, podendo a reutilização destes sepulcros resultar, ou não, de verdadeiros atos de legitimação, sendo justamente nos mitos fundadores onde usualmente se cristaliza a memória coletiva das sociedades sem escrita (Le Goff, 1988, p. 111).

A desarticulação das comunidades calcolíticas, que parece suceder durante o terceiro quartel do III milénio a.n.e. (Mataloto & Boaventura, 2009; Boaventura & Mataloto, 2013), gerará certamente novas entidades, grupos e identidades, que procurarão construir novas espacialidades, como forma de coesão grupal. Neste contexto, os antigos sepulcros surgem como verdadeiros monumentos e marcas do passado, com o qual se procura identificar o grupo (Mataloto, 2007, p. 128), criando verdadeiros *lieux de mémoire* (Nora, 1989), os quais se erguem justamente em momentos de forte desenraizamento e rutura cultural, associados à necessidade de se forjar uma nova identidade da comunidade, alicerçada, claro está, no passado. Estas ligações com uma certa imagem de passado não têm por que ser unicamente mediadas pelas ligações com os antepassados ou “*ancestors*” podendo, como bem assinala J. Whitley (2002), resultar de diversas outras possibilidades, que vão além da sinalização de continuidades, podendo, mesmo, marcar rupturas com um passado imediato — daí o reuso de sepulcros há muito abandonados, e provavelmente desconceitualizados, na paisagem existente.

A utilização de sepulcros megalíticos durante os finais do III milénio a.n.e. no sul de Portugal é bastante complexa de avaliar, em particular se atendermos aos dados obtidos em Santa Margarida 3 (CNS-12279), onde foram documentados dois enterramentos humanos deste período, sem qualquer indicador externo claro desta periodização, apenas passível de precisar através da datação pelo radiocarbono (Gonçalves, 2003). Na realidade, é absolutamente impossível atualmente, e provavelmente no futuro, ter uma noção clara da utilização destes monumentos enquanto espaços funerários durante o período em questão, dada a extrema acidez dos solos “megalíticos” alentejanos, que eliminam os vestígios ósseos, e a aparente invisibilidade ou mesmo ausência dos espólios associados. Todavia, e em território alentejano, quando acontecem, estas utilizações tardias parecem ser tendencialmente únicas e pontuais, se atendermos principalmente aos dados disponíveis para os casos próximos das Antas das Casas do Canal 1 (Leisner & Leisner, 1955) ou de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais (Bubner, 1979; Rocha, 2005), e claro, o que parece ser o próprio exemplo dos Godinhos. Já em realidades mais litorais, tanto na península de Lisboa (Boaventura, 2009) como no litoral alentejano, como na Pedra Branca (Ferreira & alii, 1975), o reuso de antigos espaços funerários parece assumir um cariz mais alargado ainda que, como bem ressaltou um de nós (RB), os sepulcros megalíticos da Baixa Estremadura pareçam ter ficado um tanto arredados deste processo, bem patente noutros contentores funerários (Boaventura, 2009).

O acesso aparentemente restrito ao reuso de antigos sepulcros megalíticos poderá estar, então, a apelar a uma realidade mais complexa que a uma simples atitude oportunista por comunidades mais modestas. A questão *Quem?* se fazia tumular nestes espaços diferenciados não deverá apresentar igualmente respostas lineares, como em outro local assinalámos (Mataloto, 2007, p. 127). Uma perspetiva relativamente curial é a assunção de que se tratariam de elementos socialmente diferenciados no contexto da comunidade que os enquadrava. A razão de ser dessa diferenciação é, no entanto, bastante mais problemática, podendo procurar-se respostas tanto no âmbito político-social (Mataloto, 2007, p. 128; Soares, 2003, p. 111), como sócio-simbólico, sendo justamente esta vertente

que agora se nos afigura mais relevante num contexto de clara associação à construção de memória e à apropriação de uma marca de temporalidade no forjar de novas identidades. Nessa medida, surge bastante tentadora a hipótese de se tratar de guardadores de memória (bardos ou, mais simplesmente, o mais velho dos velhos), elementos fulcrais na coesão identitária dos grupos nas comunidades sem escrita (Le Goff, 1988, p. 113).

A interpretação destes enterramentos a partir de uma leitura político-social, enquanto deposições legitimadoras de elites e linhagens de poder, que procurariam sustentar a sua ascensão, esbarra, em nossa opinião, em diversas dificuldades intrínsecas, como o facto de se escolherem muitas vezes pequenos monumentos, de menor visibilidade e entidade, ao invés de grandes monumentos onde mais facilmente se encontraria laços legitimadores de poder; e extrínsecas, isto é, este período tardio dentro do III milénio a.n.e., como já se afirmou, é marcado por profundas cisões e clara desarticulação das redes de povoamento e coesão, sendo-nos bastante complexo aceitar a ascensão de linhagens de poder, quando se verifica, justamente, a desagregação dos grandes grupos.

Seja como for, surge-nos de modo bastante claro a pretensão de marcar a memória e a paisagem com um enterramento em particular, no qual o espólio votivo associado jogaria um papel fulcral na mediação e fixação do momento no contexto da comunidade (Thomas, 2005, p. 128).

Por último, torna-se importante compreender a escolha do sepulcro objeto de rememoração e reintegração. Como se afirmou acima, a integração do monumento dos Godinhos numa paisagem concreta, junto de um caminho natural poderá, porventura, conceder-lhe uma visibilidade diferenciada e um destaque que o porte, por si, não lhe confere. O facto de ser o último monumento, quando se abandona a planície, ou o primeiro, que anuncia esse novo território, depois de cruzar a serra recentra-o no discurso paisagístico, conferindo-lhe um posicionamento que, fora dos caminhos antigos, se torna quase impossível de compreender. Deste modo, e como apontámos em outro local (Mataloto, 2007), a visibilidade é, em grande medida, condicionada não apenas pelo nosso posicionamento no território, mas igualmente pela conceptualização que dele fazemos, construindo paisagens — daí

que nem sempre as estruturas com maior destaque e porte sejam aquelas objeto de reuso e reintegração nos discursos paisagísticos. A gestão do esquecimento é, igualmente, um fator decisivo na construção da memória coletiva (Le Goff, 1988, p. 109), podendo gerar ruturas com um passado imediato, impondo o abandono dos grandes sepulcros, que aparentemente se mantiveram socialmente ativos até bem dentro do III milénio a.n.e., em prol da reintegração de monumentos mais modestos, cujo uso e significado não parece ter permanecido tão longamente no tempo. Será justamente desta manipulação da memória e do esquecimento que se forjará a identidade do grupo, plasmada na criação de uma paisagem. As múltiplas formas como se faz a gestão do esquecimento e da memória, com o uso ou abandono de pequenos e grandes monumentos, demonstram a resposta local a dinâmicas inerentes a cada grupo, sendo complexa a obtenção de uma leitura unívoca multi-regional.

### **7. O sepulcro dos Godinhos e o Megalitismo da aba sul da Serra d'Ossa: a construção do território ao longo do IV e III milénio a.n.e.**

As análises e comentários anteriores sugerem, para o pequeno sepulcro dos Godinhos, uma situação crono-cultural entre os meados e a segunda metade do IV milénio a.n.e., com maior probabilidade para o seu terceiro quartel. Assim, face ao conhecimento atual dos sepulcros megalíticos da região do Redondo, este surge como um dos mais antigos, bem como um dos de menores dimensões. De facto, a realidade conhecida até ao final do século passado apresentava essencialmente antas de médias e grandes dimensões, à semelhança das regiões vizinhas de Reguengos de Monsaraz e Estremoz (Leisner & Leisner, 1959; Rocha, 2005). Inclusive, porque a maioria destas antas aparentam reportar-se a cronologias essencialmente dos finais da segunda metade do IV e transição para o III milénio a.n.e.

Na sequência das velhas propostas de Manuel Heleno, ainda recentemente, no célebre encontro “Muitas antas e pouca gente” (Gonçalves, 2000), alguns autores reincidiram e reforçaram a proposta de existência de uma fase protomegalítica, caracterizada por pequenos sepulcros com espólios arcaicos. À data, ainda que tal conceito pudesse ser operatório, logo

à partida misturava dois níveis de abordagem, nem sempre coincidentes: a dimensão reduzida dos sepulcros e o cariz arcaico dos seus espólios, normalmente limitados a instrumentos de pedra polida, pequenas lâminas e geométricos, com uma ausência ou rara presença de recipientes cerâmicos (Soares & Silva, 2000, p. 128). Posteriormente, com “Muita gente e poucas antas”, M. Calado, sem que descartasse uma fase protomegalítica, manifestava a consciência da existência de pequenos sepulcros contemporâneos dos verdadeiramente megalíticos, propondo, por isso, a classificação de sepulcros paramegalíticos, mais focada no seu cariz arquitetural, dadas as reais dimensões não megalíticas de muitos dos ortóstatos utilizados (Calado, 2003, p. 363). De facto, aquela expressão vem sendo utilizada noutras paragens peninsulares para reportar-se a monumentos de fraca expressão arquitetural (Moreno, 2010, p. 547). No entanto, perante os dados atuais, cremos que a classificação dos sepulcros megalíticos/ortostáticos, normalmente associáveis ao fenómeno funerário do Megalitismo, se deveria limitar, numa primeira abordagem, à dimensão da sua arquitetura — pequena, média e grande — balizando-se estas classes, pelo menos, num diâmetro transversal e/ou altura máxima da câmara: respetivamente, <150 cm; 151 - 300 cm; > 301 cm<sup>10</sup>. Outras características tipológicas poderão ser também aduzidas, como possuírem existência de entrada, corredor, entre outras, mas deixaremos essas propostas para outro lugar. Ainda que a assunção de uma evolução linear de pequenos para médios e grandes sepulcros nos pareça tendencialmente válida há, porém, dados que nos aconselham prudência. Afinal, com cronologias similares àquela proposta para Godinhos, mas verificada absolutamente nas pequenas Antas de Cabeço da Areia e Rabuje 5 (Boaventura, 2009), surgem na região vizinha da Estremadura enterramentos em antas de médias dimensões, como o Carrascal (CNS-4295) e Pedras Grandes (CNS-648; Boaventura, 2009). E, simultaneamente, em outros casos as pequenas antas apresentam somente artefactos de cronologia mais recente, não bastando argumentar reusos radicais (Rocha, 2005, *passim*). A aceitarmos uma hipótese de maior antiguidade dos pequenos sepulcros, com espólios parcos, como Godinhos, deveríamos considerar a sua apa-

<sup>10</sup> A questão das dimensões das antas foi afluada por L. Rocha (2005), separando pequenas de médias antas, mantendo, no entanto, a classe de “sepulturas” — o que nos coloca sérias reservas — bem como não discriminando a fronteira para as grandes antas.

rente escassez na aba sul da Serra d'Ossa, indiciando um momento mais avançado para o Megalitismo da região, composto essencialmente por sepulcros de média dimensão e raros de tamanhos realmente grandes, como o deveriam ter sido Casas Novas 1 (Leisner & Leisner, 1959) ou Valdanta (Calado & Mataloto, 2001, p. 104).

Este facto poderia estar relacionado com o gradual processo de ocupação do território, que apenas se intensificaria já nos finais do IV milénio a.n.e.

Destes pequenos sepulcros, para além dos Godinhos, conhecem-se apenas mais três na região: são eles Chãs 1 e 2<sup>11</sup> (439-A. 1/CNS 29773 e 2/CNS 29774; Calado & Mataloto, 2001, p. 28) e a Barroca, inédita, e já na freguesia de Evoramonte. Estes encontram-se, de certa forma, em áreas de transição e adjacentes a caminhos naturais, deixando entrever a procura destes espaços limiares para o posicionamento dos mortos, mas igualmente por serem de grande relevância para os vivos, ao permitirem uma maior diversidade ambiental, e melhor mobilidade, em comunidades que certamente muito delas dependiam.

A escassa presença de sepulcros de pequena dimensão é claramente divergente de outras regiões, podendo entender-se pela via cronológica, como propusemos acima, ou simplesmente pela menor densidade populacional das comunidades assentadas na margem sul da Serra.

A expansão destas, ou de outras, comunidades para a planície, mais fértil, permitiu um melhor aproveitamento da matéria-prima aí disponível para a edificação dos sepulcros, conduzindo a que, perto da viragem do milénio, se desenvolva um Megalitismo de maior porte, certamente associado a comunidades mais consolidadas, onde o sentido gregário seria já, certamente, suprafamiliar.

A estruturação do povoamento nos finais do IV milénio a.n.e. é bem mais difícil de apreender. A larga maioria das pequenas ocupações pré-históricas documentada na aba sul da Serra d'Ossa é impossível de ser situada cronologicamente com base nos vestígios de superfície, pelo que se nos afigura bastante complexo associar qualquer delas a estes pequenos sepulcros. A rede de instalações certamente dos finais do IV milénio a.n.e. encontra-se já, certamente, disseminada por todo o território, ainda que as escavações sejam poucas. A

mais bem conhecida é, sem dúvida, a documentada sob o povoado fortificado calcolítico de São Pedro (Mataloto, 2010), a qual nos estará já a documentar uma progressiva busca por locais de maior destaque na paisagem, tal como irá ser frequente na primeira metade do milénio seguinte. Esta progressão para implantações cada vez mais destacadas parece notar-se bastante bem nas encostas de São Gens, onde recentemente se detetou uma pequena instalação dos finais do IV milénio a.n.e., atestada pela presença de carenas, justamente adjacente à portela por onde passa a atual estrada N381. Pouco depois, a ocupação parece transladar-se para o Alto de São Gens, no qual se documentou uma ocupação aberta, e posteriormente cercada, ambas do Calcólítico Inicial regional (Mataloto, 2005a). A transição para o III milénio a.n.e. parece ser marcada por um incremento do povoamento, ou por simplesmente se tornarem mais fáceis de identificar, segundos os padrões materiais de que dispomos. Aqui, a proximidade das ocupações com as áreas de necropolização parece ser mais evidente, como o atesta o povoado do Colmeeiro 2 (439-D. 48, Calado & Mataloto, 2001, p. 47) sobranceiro ao conjunto megalítico homónimo. A realização de um conjunto de prospeções na área envolvente do sepulcro dos Godinhos permitiu identificar vestígios diversos de ocupações pré-históricas, nomeadamente artefactos de pedra polida, mós, percutores, escassa cerâmica, aliás já anteriormente registada (439-D. 22, Calado & Mataloto, 2001, p. 42), tendo-nos sido possível confirmar e expandir a área de dispersão. Por outro lado, não seria impossível associar a esta ocupação os restos de talhe de objetos de quartzo documentados na própria intervenção do sepulcro.

Estas mesmas prospeções permitiram identificar um pequeno núcleo de ocupação enquadrável no III milénio a.n.e., situado num pequeno esporão sobranceiro à ribeira de São Bento, imediatamente para norte do sepulcro aqui em questão, e que poderá estar relacionado com a reutilização documentada neste.

A título de epílogo, cremos ser relevante realçar que os nove dias de intervenção no sepulcro dos Godinhos permitiram efetuar um importante contributo para o conhecimento das dinâmicas sepulcrais e paisagísticas da aba sul da Serra d'Ossa.

<sup>11</sup> Chãs 2, a escassas dezenas de metros de Chãs 1, apesar de bastante destruído, apresenta lajes de dimensão semelhante a este, podendo por isso ter correspondido a um sepulcro semelhante.

## Agradecimentos

À Família Inverno, nas três gerações, agradecemos o apoio logístico e a sabedoria da região que nos emprestaram. Ao senhor João Barradas, e sua esposa, as facilidades concedidas no acesso à propriedade e aos trabalhos arqueológicos, mostrando desde sempre uma abertura e curiosidade motivante. Ao Município de Redondo o apoio logístico essencial. Ao António Monge Soares agradecemos a “ponte” arqueometalúrgica que nos possibilitou o estudo do elemento áureo. Ao José Paulo Ruas agradecemos as excelentes fotos do elemento áureo. Ao Museu Nacional de Arqueologia agradecemos o acesso ao material arqueológico e fotográfico da anta do Cabeço da Areia.

## Bibliografia citada

- BARBOSA, Inácio de Vilhena (relator) (1881) - Monumentos Prehistoricos. In Relatório e mapps acerca dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes, apresentados ao governo pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, em conformidade da portaria do ministerio das obras publicas de 24 de outubro de 1880. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa. 2.ª série. 3:5, 9, pp. 83–87, 135–140.
- BOAVENTURA, Rui (2009) - *As antas e o megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Policopiado.
- BOAVENTURA, Rui; FERREIRA, Maria Teresa; SILVA, Ana Maria (2013) - Perscrutando espólios antigos: a Anta de Sobreira 1 (Elvas). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, pp. 63–79.
- BOAVENTURA, Rui; FERREIRA, Maria Teresa; SILVA, Ana Maria (2014) - Perscrutando espólios antigos – 2: um caso de reutilização funerária medieval na anta de São Gens 1 (Nisa, Norte Alentejano). *Al-Madan Online*. Almada. 19:1, pp. 60–76.
- BOAVENTURA, Rui; MATALOTO, Rui (2013) - Entre mortos e vivos: nótulas acerca da cronologia absoluta do Megalitismo do Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, pp. 81–101.
- BRADLEY, Richard (1993) - *Altering the earth*. Edinburgh: Society of Antiquaries of Scotland.
- BRANDHERM, Dirk (2007) - Algunas reflexiones sobre el Bronce Inicial en el Noroeste peninsular: la cuestión del llamado horizonte “Montelavar”. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*. Madrid. 33, pp. 69–90.
- BUBNER, Thomas (1979) - Ocupação campaniforme do Outeiro de São Bernardo. *Ethnos*. Lisboa. 8, pp. 139–151.
- BUENO RAMÍREZ, Primitiva; BARROSO BERMEJO, Rosa María; BALBÍN BEHRMANN, Rodrigo de (2005) - Ritual campaniforme, ritual colectivo: la necrópolis de cuevas artificiales del valle de las Higueras, Huecas, Toledo. *Trabajos de Prehistoria*. 62:2, pp. 67–90.
- CALADO, Manuel (2003) - Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). In GONÇALVES, Victor S., ed. - *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo: actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 351–369.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2001) - *Carta arqueológica de Redondo*. Redondo: Câmara Municipal.
- CARDOSO, João Luís (2001–2002) - Os esferóides de calcário do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e suas possíveis finalidades. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, pp. 77–88.
- CARDOSO, João Luís; CANINAS, João Carlos (2010) - Moita da Ladra (Vila Franca de Xira): resultados preliminares da escavação integral de um povoado calcolítico muralhado. In *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal, pp. 65–95.
- CARDOSO, João Luís; CARVALHO, António Faustino (2008) - A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. *Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 16. Oeiras: Câmara Municipal, pp. 269–300.
- CARDOSO, João Luís; LEITÃO, Manuel; FERREIRA, Octávio da Veiga; NORTH, Christopher Thomas; NORTON, José de Castro; MEDEIROS, José; SOUSA, Pedro Fialho de (1996) - O monumento pré-histórico de Tituária, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, pp. 135–193.
- CARTAILHAC, Emile (1886) - *Les âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris: Ch. Reinwald.

- CARVALHO, António Faustino (2013) - Estudo do espólio funerário em pedra lascada da necrópole de hipogeus neolíticos da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). In VALERA, António Carlos, ed. - *Sobreira de Cima: necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: NIA/Éra, 1, pp. 71–86.
- CARVALHO, António Gonçalves (1989) - Para a História da Arqueologia em Portugal: o livro de visitantes da Junta de Turismo de Cascais. *Arquivo de Cascais*. Cascais, 8.
- CORRÊA, António M. Mendes (1947) - Histoire des recherches préhistoriques en Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*. Porto. 11:1–2, pp. 115–170.
- CELESTINO PÉREZ, Sebastián; BLANCO FERNÁNDEZ, José Luis (2006) - *La joyería en los orígenes de Extremadura: el espejo de los dioses*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida.
- DEUS, António Dias de; VIANA, Abel (1953) - Mais três dólmenes da região de Elvas (Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 4, pp. 227–240.
- DIAS, Maria Isabel (2008) - Estudo composicional da matéria envolvente aos geométricos na necrópole neolítica da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 1, pp. 13–14.
- ESPANCA, Joaquim José da Rocha (1894) - *Estudos sobre as antas e seus congéneres: dissertação archeologica*. Vila Viçosa: Câmara Municipal.
- FERREIRA, Octávio da Veiga; ZBYSZEWSKI, Georges; LEITÃO, Manuel; NORTH, Christopher Thomas; SOUSA, Henrique Reynolds de (1975) - Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 59, pp. 107–192.
- FORTEZA GONZÁLEZ, Matilde; GARCÍA SANJUÁN, Leonardo; HERNÁNDEZ ARNEDEO, María Jesús; SALGUERO PALMA, Jara; WHEATLEY, David (2008) - El cuarzo como material votivo y arquitectónico en el complejo funerario megalítico de Palacio III (Almadén de la Plata, Sevilla): análisis contextual y mineralógico. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 65:2, pp. 137–150.
- GONÇALVES, Victor S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ.
- GONÇALVES, Victor S., ed. (2000) - *Muitas antas, pouca gente?*. *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, Victor S. (2003) - *STAM-3, a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GONÇALVES, Victor S. (2009) - *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho*. Cascais: Câmara Municipal.
- GRIMWADE, Mark (2000) - A plain man's guide to alloy phase diagrams: their use in jewellery manufacture - part 2. *Gold Technology*. 30, pp. 8–15.
- HALBWACHS, Maurice (1950) [1997] - *La mémoire collective*. Éditions critique établie par Gérard Namer. Paris: Albin Michel.
- HARRIS, Edward (1979) - *Principles of archaeological stratigraphy*. London; New York, NY: Academic Press.
- HARTMANN, Axel (1982) - *Prähistorische Goldfunde aus Europa*. Berlin: Mann.
- HELENO, Manuel (1933) - Anta do Cabeço da Areia (Anta AL). In *Caderno nº 11: Escavações nas antas dos arredores do Siborro: 2ª campanha*. Manuscrito disponível Arquivo Manuel Heleno, Museu Nacional de Arqueologia, pp. 22–28.
- HENRIQUE DE SANTO ANTÓNIO (Frei) (1745) - *Crónica dos Eremitas da Serra de Ossa*. Lisboa: Oficina de Francisco da Silva.
- HENRIQUES, Fernando J. Robles; SOARES, António M. Monge; ANTÓNIO, Telmo F. Alves; CURATE, Francisco; VALÉRIO, Pedro; ROSA, Sérgio Peleja (2013) - O Tholos Centirã 2 (Brinches, Serpa): construtores e utilizadores; práticas funerárias e cronologias. In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. - *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento, pp. 319–355.
- INGOLD, Tim (1993) - Temporality or landscape. *World Archaeology*. London. 25, pp. 152–174.
- LE GOFF, Jacques (1988) - *Histoire et mémoire*. Paris: Gallimard.
- LEISNER, Georg (1949) - *Antas dos arredores de Évora*. Évora: Edições Nazareth. Separata A Cidade de Évora, 15–16, 17–18.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1955) - *Antas nas herdades da Casa de Bragança no concelho de Estremoz*. Lisboa: Fundação Casa de Bragança.

LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.

LEISNER, Vera (1985) - *Mikrolithen: Aufzeichnungen im Nationalmuseum für Archäologie und Ethnologie in Lisbon*. Lisboa: Deutsches Archäologisches Institut.

LIESAU VON LETTOW-VORBECK, Corina; BLASCO BOSQUED, María Concepción; RÍOS MENDOZA, Patricia; VEJA, Jorge; MENDUIÑA GARCÍA, Roberto; BLANCO GARCÍA, Juan Francisco; BAENA PREYSLER, Javier; HERRERA VIÑAS, Teresa; PETRI, Aldo; GÓMEZ PÉREZ, José Luis (2008) - Un espacio compartido por vivos y muertos: el poblado calcolítico de fosos de Camino de las Yeseras (San Fernando de Henares, Madrid). *Complutum*. Madrid. 19:1, pp. 97–120.

MATALOTO, Rui (2005) - Meio Mundo 2: a fortificação calcolítica do Alto de São Gens Redondo/Estremoz, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:1, pp. 5–19.

MATALOTO, Rui (2005) - A propósito de um achado na Herdade das Casas (Redondo): Megalitismo e Idade do Bronze no Alto Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 115–128.

MATALOTO, Rui (2006) - Entre Ferradeira e Montelavar: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 83–108.

MATALOTO, Rui (2007) - Paisagem, memória e identidade: tumulações megalíticas no pós-megalitismo alto-alentejano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 10:1, pp. 123–140.

MATALOTO, Rui (2010) - O 3º/4º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In Gonçalves, Victor S.; Sousa, Ana Catarina, eds. - *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal, pp. 263–295.

MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2009) - Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 31–77.

MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2010) - Anta da Vidigueira (Freixo, Redondo): intervenção de caracterização. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 13:1, pp. 5–24.

MATALOTO, Rui; MARTINS, José M. Matos; SOARES, António Monge (2013) - Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste: periodização, base de dados, tratamento estatístico. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, pp. 303–338.

MATALOTO, Rui; ROCHA, Leonor (2007) - O monumento ortostático do Caladinho (Redondo, Alentejo Central). In *Actas do III Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aljustrel: Câmara Municipal, pp. 107–116.

MORÁN, Elena; PARREIRA, Rui (2004) - *Alcalar 7. Estudo e reabilitação de um monumento megalítico*. Lisboa: IPPAR.

MOREIRA, Isabel; CALADO, José (2010) - *Testamento de Catarina Pires Folgada (1408)*. Redondo: Santa Casa da Misericórdia.

MORENO GALLO, Miguel (2010) - Dólmenes de la provincia de Burgos: nuevos hallazgos, nuevas destrucciones. In FERNÁNDEZ ERASO, Javier; MUJICA ALUSTIZA, José Antonio, eds. - *Actas del Congreso Megalitismo y otras manifestaciones funerarias contemporáneas en su contexto social, económico y cultural*. San Sebastián-Donostia: Sociedad de Ciencias Aranzadi, pp. 534–550.

NORA, Pierre (1989) - Between memory and history: les lieux de mémoire. *Representations*. Oakland, CA. 26 Special Issue: Memory and Counter-Memory, pp. 7–24.

PEREIRA, Gabriel (1877) - O dólmen furado da Candeeira. *O Universo Ilustrado*. Lisboa, 1:47, p. 372.

PEREIRA, Gabriel (1879) - O dólmen furado da Candeeira: notas d'arheologia. Évora: Tip. de Francisco Cunha Ribeiro.

RIBEIRO, Carlos (1880) - *Estudos Prehistoricos em Portugal: Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos. II - Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*. Lisboa: Typographia da Academia.

ROCHA, Leonor (2005) - *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de doutoramento. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa. Policopiado.

ROCHA, Leonor; Duarte, Cidália (2009) - Megalitismo funerário no Alentejo central: os dados antropológicos das escavações de Manuel Heleno. In POLO CERDÁ, Manuel; GARCÍA PRÓSPER, Elisa, eds. - *Investigaciones histórico-médicas sobre salud y enfermedad en el pasado. Actas del IX Congreso Nacional de Paleopatología. Morella (Castelló), 26–29 septiembre de 2007*. Valencia: Grupo Paleolab; Sociedad Española de Paleopatología, pp. 763–781.

- SANTOS, João Carlos Laranjeira dos (2009) - *Anta Grande do Zambujeiro: contributo para o processo de recuperação do monumento*. Dissertação de mestrado. Departamento de História. Universidade de Évora.
- SCHUBART, Hermanfrid (1971) - O Horizonte de Ferradeira: sepulturas do Eneolítico final no sudoeste da Península Ibérica. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 81:3-4, pp. 189-215.
- SILVA, Joaquim Possidónio da (1878a) - Novos monumentos megalithicos em Portugal. *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archaeologos Portuguezes*. Lisboa. 2.ª série. 2:6, pp. 90-91.
- SILVA, Joaquim Possidónio da (1878b) - Nouveaux dolmens en Portugal. *Matériaux pour l'Histoire primitive et naturelle de l'Homme*. Toulouse. 2.ª série, 9, pp. 361-363.
- SOARES, António M. (2008) - O monumento megalítico Monte da Velha 1 (MV1) Vila Verde de Ficalho, Serpa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, pp. 33-51.
- SOARES, António M. Monge; ARAÚJO, Maria de Fátima; ALVES, Luís Cerqueira (2004) - Análise química não-destrutiva de artefactos em ouro pré e proto-históricos: alguns exemplos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7:2, pp. 125-138.
- SOARES, António M. Monge; ALVES, Luís Cerqueira; FRADE, José Carlos; VALÉRIO, Pedro; ARAÚJO, Maria de Fátima; CANDEIAS, António; SILVA, Rui Jorge Cordeiro; VALERA, António Carlos (2012) - Bell beaker gold foils from Perdígões (Southern Portugal): manufacture and use. In *Proceedings of the 39th International Symposium on Archaeometry, Leuven, 2012*, pp. 120-124.
- SOARES, Joaquina (2003) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo. As economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares (2000) - Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In *Muitas antas, Pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, pp. 117-134.
- SOARES, Joaquina; SILVA, Carlos Tavares (2010) - Anta Grande do Zambujeiro, arquitectura e poder: intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87. *Musa*. Setúbal. 3, pp. 83-129.
- THOMAS, Julian S. (2005) - Ceremonies of the horsemen? From megalithic tombs to Beaker burials in prehistoric Europe. In ROJO GUERRA, Manuel Ángel; GARRIDO PENA, Rafael; GARCÍA MARTÍNEZ DE LAGRÁN, Íñigo, eds. - *Bell beakers in the Iberian Peninsula and their European context*. Valladolid: Universidad, pp. 107-135.
- VALERA, António Carlos, ed. (2013) - *Sobreira de Cima: necrópole de hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Era Arqueologia.
- VALERA, António Carlos, ed. (2014) - *Bela Vista 5. Um recinto do final do 3º milénio a.n.e. (Mombeja, Beja)*. Lisboa: Era Arqueologia.
- VALERA, António Carlos; SILVA, Ana Maria; MÁRQUEZ ROMERO, José Enrique (2014) - The temporality of Perdígões enclosures: absolute chronology of the structures and social practices. *Spal*. Sevilla. 23, pp. 11-26.
- VALERA, António Carlos; GODINHO, Ricardo (2009) - A gestão da morte nos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, pp. 371-387.
- VALERA, António Carlos; FILIPE, Victor (2012) - A necrópole de hipogeus do Neolítico Final do Outeiro Alto 2 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 8, pp. 29-42.
- VALERA, António Carlos; SOARES, António Monge; COELHO, Manuela Dias (2008) - Primeiras datas de radiocarbono para a necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 2, pp. 27-30.
- VASCONCELOS, José Leite de (1897) - *Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal*. Vol. 1. Lisboa: Imprensa nacional.
- VASCONCELOS, José Leite de (1916) - Entre Tejo e Odiana. *O Archeologo Português*. Lisboa. 21, pp. 192-193.
- VIANA, Abel; DEUS, António Dias de (1955) - Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. Nova Série. 15:3-4, pp. 143-189.
- WHITLEY, Anthony James Monins (2002) - Too many ancestors. *Antiquity*. Cambridge. 76:291, pp. 119-126.
- ZBYSZEWSKI, Georges; FERREIRA, Octávio da Veiga; LEITÃO, Manuel; NORTH, Christopher T.; NORTON, José (1981) - As jóias auríferas da gruta pré-histórica da Verdelha dos Ruivos (Vialonga-Portugal). *Zephyrus*. Salamanca, 32-33, pp. 113-119.